

EDIÇÃO DE JULHO/2018, N.12, A.8
PERIÓDICO LITERÁRIO INDEPENDENTE FEITO
EM CURITIBA, PARANÁ, DESDE SETEMBRO/2010
ISSN 2525-2704

RelevO



EDITOR: DANIEL ZANELLA
EDITOR-ASSISTENTE: MATEUS RIBEIRETE
OMBUDSMAN: GISELE BARÃO
REVISÃO: MATEUS SENNA
PROJETO GRÁFICO: MARCELI MENGARDA
INFOGRÁFICOS: BOLÍVAR ESCOBAR
LOGÍSTICA: THAÍS ALESSANDRA TAVARES
ADVOGADO: BRUNO MEIRINHO OAB/PR 48.641
IMPRESSÃO: GRÁFICA EXCEUNI
TIRAGEM: 6.000
EDIÇÃO FINALIZADA EM 27/06/2018

editorial

Estamos passando por uma reestruturação.

Como nunca tivemos estrutura, o termo mais preciso seria estruturação. Nos referimos a esse processo como desvarzeamento. Isso não quer dizer que passamos a nos levar muito a sério — (a) este veículo não tem chance alguma de tentar melhorar o mundo; (b) o sucesso não é feito de papel-jornal.

Entendemos várzea como tudo aquilo que poderia ter sido resolvido, melhorado ou adaptado com um pouco de organização, incluindo aí comunicação. Há duas edições, por exemplo, erramos o nome de uma autora. Na edição anterior a esta, a mesma coisa. Não é engraçado, espontâneo ou <despretensioso> — é apenas várzea. Recentemente, fizemos uma promoção de assinatura com brindes: erramos três envios.

Nos últimos meses, no entanto, progredimos em vários aspectos e estamos blindando prejuízos. Manter um jornal¹ literário² impresso³ gratuito⁴, o quadrado mágico da falência, é, de fato, atestado de insanidade (ou de óbito). Todavia, sustentamos o quadrado mágico da falência justamente porque queremos, oras, e felizmente ninguém, muito menos o Estado, tem obrigação de nos ajudar.

Sob o risco de o tema ser remotamente interessante aos leitores, e quem sabe até útil a demais entusiastas de tal natureza de picadilha, relataremos parte do progresso:

[1] Em fevereiro, passamos a centralizar nosso planejamento segundo o método Kanban, com cartões de sinalização para cada tarefa. Essa mera reorganização, dispondo de uma visão geral do que foi feito e do que deve ser feito, acarretou uma enorme mudança para o **RelevO**, cujas decisões, ideias e conversas ficavam espalhadas e, portanto, muito mais propensas a serem perdidas ou simplesmente esquecidas. Agora, temos um cronograma.

[2] Começamos a remunerar, mesmo que modestamente, o editor-assistente, a projetista gráfica, o revisor (dinheiro jogado fora) e o nosso designer. Esse é o começo de um processo que, além de

assegurar compromissos mais sólidos — cobrar prazos sem pagar é uma atitude um tanto cretina —, rumo em direção ao pagamento futuro de colaboradores.

[3] Na esfera digital, criamos um site [jornalrelevo.com], o que significa finalmente disponibilizar um ponto de partida ao leitor e, principalmente, ao leitor em potencial. Embalados, reativamos a Enclave [jornalrelevo.com/enclave], nossa newsletter de periodicidade fluante. Acrescentamos o PayPal como método de pagamento, o que permitiu efetuar assinaturas por meio de cartão de crédito.

[4] Também pensamos a distribuição local. Até poucos meses atrás, o editor perdia de três a cinco madrugadas por mês com a distribuição em Curitiba e região. É o tipo de certidão de demência que move apenas alguém obstinado pelo que faz ou meramente norteado pela mais pura idiotia. O custo da contratação de motoboys é baixo perto das horas de sono dormidas ou reservadas a atividades mais úteis, como acompanhar o Operário de Ponta Grossa na terceira divisão do Brasileiro. Quanto à expansão, ampliamos os estados em que o **RelevO** chega via distribuição gratuita. Hoje, ainda não chegamos em Roraima, no Acre, em Rondônia, no Amapá, em Tocantins e no Rio Grande do Norte. Queremos chegar em todos os estados até dezembro. Mandamos o jornal gratuitamente para mais de 200 bibliotecas do Brasil. Queremos melhorar isso. Temos 880 assinantes espalhados por todos os estados. São eles que custeiam todo o nosso movimento de levar os jornais para mais lugares.

Queremos seguir na empreitada de fazer um periódico literário que provoque sua comunidade e não seja acomodado em seu palanque de propósitos. Para tanto, precisamos melhorar em setores nos quais ainda somos notoriamente deficitários e seguir fazendo o que acreditamos ser um bom jornal. Não é resistência, não é grito, não é manifesto: simplesmente é.

Uma boa leitura a todos!

imagens desta edição

As ilustrações desta edição são aquarelas (!!!) de Marcos Beccari. Você pode conferir mais do trabalho dele em marcosbeccari.com.

newsletter

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

assine/anuncie

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

publique

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Gabriel Fausto de Souza O Lisias não estava à altura do jornal de vocês. Parabéns pela mudança! Mas Gisele Barão... aí também fica difícil... Ah, como fã de Nietzsche e Belchior, digo que o texto do Elstor Hanzen da edição de junho foi classe A. Já como chato que sou, preciso lembrar que “a felicidade é uma arma quente” é uma frase dos Beatles, presente em “Happiness is a Warm Gun”, e, portanto, não é de Belchior. Mais precisamente, foi uma declaração de um assassino ao tribunal, notícia lida por John Lennon. Até por isso a música de Belchior se chama “Comentário a respeito de John”. Isso não faz diferença alguma para a interpretação desta parte do texto, só tô querendo aparecer mesmo. Por fim, terminei de ler o jornal do mês agora. Mais coisas legais foram os textos de Fabiano Favretto, a coluna Maidan, Marcos Pamplona e Mateus Ribeyre.

José Hamilton Gostei da troca do ombudsman... Mas quero continuar vendo sangue! Nada de ombudsman bonzinho, credo.

Cid Brasil Aí sim! Acabou o reinado de terror do Lisias.

Eliss de Castro Muito bom ter a Gisele Barão como ombudsman do **RelevO**. Adorei!

Jô Palha Seja bem vinda, Gisele Barão, mas lembro que sempre gostei do Ricardo Lisias. Na página 5 da edição de maio, o “ATÉ LOGO” dele foi excelente, principalmente o último parágrafo. Massa. E quero aproveitar para pedir que não sejam retiradas as poesias do **RelevO**.

ENCLAVE #45: RETURNS

Edson Braz da Silva Muito bom! Adorei receber a Enclave. Espero continuar na lista dos privilegiados. Um grande abraço a todos do **RelevO**.

Milton Rezende Que legal a Enclave. E parabéns pelo site novo.

Rejane Machado Ainda sobre a Enclave #44: notável! Diverti-me a valer. Ou não era para divertir? É para pensar. Tem coisa pra dedéu aí. Adorei a historinha dos “fraques”... Eu vi o Zepellin, era bem pequena, acho que foi no ano em que ele estourou. Tenho uma vaga lembrança de ter visto no céu aquele pássaro esquisito... Valeu! Abracinho!

Alessandro Romio Parabéns pelo **RelevO**. É sempre uma alegria quando chega aqui em casa. Abraços!

Casé Lontra Marques Bom dia! Tem sido sempre um vivo prazer acompanhar as edições do jornal, tanto pelos textos reunidos quanto pela proposta gráfica — isso para não falar de todo o esforço editorial, que mantém vivo o desejo de intervir ativamente numa sociedade às vezes tão avessa à inquietação artística e, até mesmo, cultural.

Carlos Alberto Moreira de Almeida Olá, pessoal do **RelevO**, tudo bem por aqui (apesar do desempenho pífio da seleção na estreia da Copa do Mundo). Sempre que posso, divulgo o jornal

no boca a boca e distribuo no meu trabalho umas três edições, que sempre pego na Biblioteca Pública do Paraná. Admiro a coragem da equipe em seguir com esse jornal na raça (principalmente diante das dificuldades que são conhecidas por todos), mantendo uma qualidade editorial elevada. Mais uma vez, obrigado por tudo e boa Copa do Mundo!

Henrique Pitt Caosaria em meio ao marasmo das rodovias! Grande **RelevO**!

Ceres Postali Marcon Lindo o texto da Diana Joucovski na edição de junho. Parabéns!

Caio Paraguassu As capas desse ano estão lindas!

DISTRIBUIÇÃO

Jorge Bandeira Maravilha aqui em Manaus sermos contemplados com o **RelevO** no Sebo e Espaço Cultural O Alienígena. Gratidão pelo envio mensal deste jornal querido. Saudações Alienígenas!

Nicolle Taner Adoro o **RelevO**. Sempre pego por aí.

Devair Fiorotti Chegou hoje em Roraima o meu exemplar de assinante. Não li, mas minha filha sim. Comentário dela: irônica.

IRRESISTÊNCIAS

Dan Porto Jornal massa! **RelevO** é um resistente.

Marcio Sales Saraiva Ri muito com o especial de novembro/2017 e gostei do jornal de maio/2018. Diagramação sóbria, organizada, com espaços de “respiração”. Parabéns!

RELEVO 800

Ana Maria Primeira vez que recebi e já devorei! Parabéns!

Fabiano Favretto Parabéns! Vida longa ao **RelevO**! As coisas boas precisam permanecer vivas. Esse jornal é uma dessas coisas.

Diego Henrique da Silva Parabéns, sucesso e vida longa ao projeto! Mesmo com as dificuldades, que a nobreza da causa siga invicta e pulsante [: Abraços!

Dinovaldo Gilioli Beleza pura! Que seja assim: a energia e sensibilidade da literatura ajudando a alimentar sonhos, a aproximar pessoas.

GREATEST HITS: CORREIOS SUNSHINE

Luiza Cantanhêde Adoro o **RelevO**, só lamento não estar mais recebendo há uns dois meses...

Eugenio Vinci de Moraes Olá, não recebi o **RelevO** de junho ainda. Abraço!

Wanda Monteiro O meu jornal de junho não chegou.

Celso Martini Parabéns pelo jornal! Quanto a chegar ou não, penso que a poesia tem seu tempo... Abraço!

Rosângela Vieira Rocha Tenho recebido.

Marcelo Scrideli Assinei o **RelevO** mês retrasado, gostei da linha editorial, tem uma vibe irônica, quase anárquica, pra mim, fato positivo.

TAMBÉM ACONTECE

Carolina Noemia Valorizem o jornal literário, conheçam o **RelevO** e se deliciem. Achei o jornal em uma cafeteria em Olinda. A galera lá da cafeteria ia jogar os exemplares fora, daí uma menina pegou todos e saiu distribuindo.

Da redação: Saber disso machuca mais nosso coração do que bala de revólver. Mas sempre contamos com uma menina solidária no caminho. Obrigado por nos avisar!

disso de dinheiro

Entradas – Assinantes: R\$ 320 Editora Penalux; R\$ 200 Rafael Schoenherr; R\$ 150 Alexandre Guarnieri; R\$ 100 Rômulo César; Cinthia Filetti; R\$ 60 Marcelo de Almeida; Gustavo Martins; R\$ 50 Luiz Renato Sassi; Tiago Feijó; Antônio Carlos Secchin; Alex Tomé; Gilmar Alexandre da Silva; Roger Pereira; Silvana Guimarães; João Paulo Braune Guerra; Gustavo Piqueira; Laelson Oliveira; Wanderleiton Otavio; Ádlei Carvalho; Marcos Beccari; Yuri Campagnaro; Alan Cardec Borges; Pedro Diniz de Araujo Franco; Daniel Lopes Guacaluz; Anna Karine Lima; Juliana N B Amorim; Mayara Vieira; Itamar Vieira Junior; Otavio Linhares; Patricia Cabianca Gazire; André Braga; Christian Schwartz; Airton Paschoa; Illy Barquette; Marcos Mariani; Isabella Mazuchin; Sérgio Bernardo; Rafael Matta Carnasciali; Ana Carolina Ribeiro de Moraes; Guilherme Gontijo Flores; Luiz Eduardo Daldegan; Delma Maria Lucchin; Elio Moreira; Maurício Simionato; Lizete Valle; Claudia Lopes Bório; Diego Vinhas; Lis Claudia Ferreira; Jeverson Nascimento; Ades Nascimento; Fernando Maroja; Priscila Prado; João Gnoatto; Raul Bavelloni; Helena Ortiz; Adriana Araújo; Saul Machado; Patrícia Hermann; Marcia Oliveira; Theo Alves; Adriano Smaniotto; Rodrigo Bartz; Tiago Suchodolak; Julia Nascimento; Felipe Araujo Gomes; Felipe de Medeiros; Kamila Oliveira; Patrícia Cavalcante; Simone Mattos; Rafa Kondlatsch; Sérgio Aral; Lola Davi; Cleber Pacheco; Maria Marlene Ferreira Vieira; Láis Araruna de Aquino; Eliane Bobhko; Stephanie Brito; Gisela Johann; Patricia Quartarollo; Oscar L. Maldonado; Marcela Medeiros; Marina Pilato; Lea Carvalho; Fernando Abritta; R\$ 25 José Juva; Camilla de Oliveira; R\$ 20 Elizabete Berberi (Total: R\$ 4.910)

Anunciantes: R\$ 100 Editora Penalux; William Soares; R\$ 60 Ulisses Beleigoli; R\$ 50 FISK; Joaquim Livraria; Estação Brasil; Toda Letra; R\$ 30 Guilherme Hummelgen (Total: R\$ 490)

Sáidas – Gráfica: R\$ 1.500 / Distribuição Curitiba, RMC & PG: R\$ 1.000 / Assinantes & Pontos de Distribuição: R\$ 1.500 / Distribuição motoboy: R\$ 490 / Material de escritório: R\$ 190 / Taxas PayPal & BB: R\$ 80 / Redes ditas sociais: R\$ 60 Domínio mensal e metafísico: R\$ 18 / Edição-assistente: R\$ 100 / Revisão: R\$ 70 / Diagramação: R\$ 100 / Infografia: R\$ 70

Custos totais: R\$ 5.178

Receita total: R\$ 5.400

Balanco de junho de 2018: R\$ 222

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

Pará	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Belém	Biblioteca Comunitária Moara
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
Maranhão	
São Luís	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leonidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Cambao de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura
Ceará	
Fortaleza	Biblioteca Comunitária Literateca
S. G. do Amarante	
Pernambuco	
Recife	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Peró
Olinda	Biblioteca Multicultural Nascadouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
Bahia	
Salvador	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Afonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Marfíni Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Minas Gerais	
Rio Horizonte	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Belém	Biblioteca Comunitária Professor Artindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachaloteca
Rio de Janeiro	
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANNS Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof. Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio Bib. Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Tema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Helipóliss
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Pcadreiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
Rio Grande do Sul	
Porto Alegre	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquiepílogo Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Cepimoteca Biblioteca Comunitária Chocolate Biblioteca Comunitária Cilandara Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?

ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Locais Relevantes



Gato Preto facebook.com/gatopretodiscos/

Pontos de distribuição do jornal Relevo pelo Brasilão doido

Relief journal distribution spots around the Brazilian crazy lands

PARANÁ • Curitiba Agendarte Livros / Ao Distinto Cavalheiro / Ave Lola Espaço de Criação / Baba Salim / Bar Avenida / Bar Baroneza / Bar do Dante / Bar Omitorrinco / Bar Pedro Lauro / Bar Stuart / Bec Bar Lanchonete / Bixa Basilio Café / Bodeguita / Botanicque / Bristol Hotel / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Tiramisu / Café do Mercado / Café do MON / Café do Teatro / Café Lisboa / Café Mafalda / Café Mitre / Café do Viajante / A Caicara - Cozinha Litorânea / Capela Santa Maria / Caramelodrama / Casa Artes Visuais / Casa das Bolachas / Casa Verde Beer Bar / Centro Europeu / Chelsea Café / Choripan / Creative Mornings / Dizzy Café Concerto / Doce Morena Bistrô e Café / Empório Kaveh Kanes / ESA / Expresso Café / Faculdades Facel - Pedagogia e Letras / Faculdades Santa Cruz - Balcão / Fazenda Rancho Flora Café / Fingen Café / Fundação Cultural de Curitiba / Gerência Faróis do Saber / Galeria Ponto de Fuga / Hotel Slaviero Full Jazz / Ilban Comic Shop / Joaquim Livraria / Kapele Bar / Kikos Bar / Le Mundí Café Terapêutico e Livroteca / Livraria Arte & Letra / Livraria do Chaim / Magnólia Café / Mercaria Fantinato / Museu Oscar Niemeyer / Museu Guido Viaro / Nobresy Pan / O Torto Bar / Paniclello / Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / PUC - Letras / Rádio Cultura / Rause Café e Vinho / Restaurante Mamba / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Selvática Açoes Artísticas / SINDIUIOR / SISMUC / Solar do Barão / Supernova Coffee / Teatro Lila Schneider / Teatro SESI Portão / TUBOTECA / UNIBRASIL - Jornalismo / Universidade Tuiuti - Jornalismo / UP Mossunguê - Jornalismo / UP Santos Andrade - Recepção / UTFPR - Sala dos Professores / UFPR - Letras • Araucária Arquivo Histórico Municipal / ASPMA / Banda Municipal / Bar do Tiko / Câmara Municipal / Casa do Artesanato / Casa da Cultura / CEU / Colégio SESI / Duetto Café / Escola Municipal Terezinha Mariano Theobald / FANEESP / FISK / Loteria Zanella / Memorial de Araucária / Museu Tingüi-Cuera / Núcleo Cultural do CAIC / Panificadora El Grano / Papelaria EBG / Panificadora Sol / Prefeitura Municipal / Rádio Iguaçu / Secretaria de Cultura / SISMMAR / Teatro da Praça • **Campo Largo** Inspirate Centro Cultural / Museu Municipal • **Castro** Espaço Cultural Casa da Praça / Casa da Cultura Emilia Erichsen • **Contenda** Biblioteca Pública Municipal / Escola Municipal Vanilda Dziewa / Panificadora Gaspar / Panificadora Schinda / Prefeitura Municipal • **Cruzeiro do Sul** Espaço Cultural Prefeito Tomoyuki Harada • **Fazenda Rio Grande** Vó Nita Pães e Doces / Café Coração • **Guarapuava** Gato Preto Discos & Livros / UNICENTRO • **Lapa** Centro Receptivo Turístico / Livraria & Papelaria Nanise / Mundo da Leitura / Panificadora Zeni • **Londrina** UEL / Coletivo Versa / Livraria da Silva / Nosso Sebo • **Luniónópolis** Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Lupionópolis • **Ortigueira** Rancho Alegre **Palmeira** Supermercado Eurich / Secretaria de Educação / Secretaria de Esporte e Cultura • **Pinhais** Livraria Café Com Letras • **Piraquara** Livrarias Nobre Cultura • **Ponta Grossa** Boteking / Livraria e Papelaria Universo da Leitura / UEPG - Jornalismo e Letras / Verbo Livraria 1 e 2 • **Santa Isabel do Ivaí** Secretaria de Educação e Cultura de Santa Isabel do Ivaí • **São José dos Pinhais** Sesi / Secretaria de Cultura / Livraria Café Com Letras / Museu Atilio Rocco / Freguesia do Livro - Shopping São José • **Umuarama** Restaurante e Lanchonete Tio Patinhas **SANTA CATARINA** • **Florianópolis** UFSC / Livrarias Livros & Livros / CIC / Sebo Ilha das Letras Florianópolis • **Blumenau** FURB - Departamento de Letras / Livraria Blúvivo • **Brusque** Livraria Saber • **Caçador** Livraria Selva • **Itaipópolis** Centro de Recepção de Visitantes • Itajai Univale • **Jaraguá do Sul** Bar do Nens • **Joinville** Barba Ruiva Livros & Discos / Univilite • **São Bento do Sul** Dom Quixote Livros • **São José** Sebo Ilha das Letras São José • **Tubarão** Libretto Livraria **RIO GRANDE DO SUL** • **Porto Alegre** Livraria Bambolotas / Café Cartum / Café República / Livraria Balaia / Livraria Raizes / Livraria Tavema / Traça Livraria • **Bento Gonçalves** Dom Quixote Livraria & Cafeteria • **Caxias do Sul** Dulce Amore Café & Algo Mais • **Santa Cruz do Sul** Casa das Artes Regina Simonis • **Santa Maria** Athena Livraria • **São Francisco de Paula** Miragem Livraria **SÃO PAULO** • **São Paulo** ABER - Associação Brasileira de Encadernação e Restauro / Banca Curva / Banca Tatu / Blooks Livraria SP / Café Raiz / Casa das Rosas / Casa do Povo / Casa Guilherme de Almeida / Comix Book Shop / Desculpe! a Poeira / Escola Macunaíma de Teatro / Estúdio Lámina / Faculdade Sumaré-Letras / Galeria Hipotética / IMS / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Reserva Cultural / Livraria Zaccara / Matilha Cultural / PUC Sumaré-Letras / SESC Pompeia / Taperia Taperia / Teatro do Centro da Terra / Teatro São Pedro / UGRA PRESS • **Araçatuba** Sebo Dom Quixote • **Araçuaçu** Casa da Cultura / Palacete das Rosas • **Botucatu** Sebo Alfarrábio • **Campinas** Torta • **Campos do Jordão** Livraria

Jaguaripe • **Franca** Confraria Cult • **Guarulhos** Livraria Grarulvros • **Jundiaí** Rosa Café • **Piracicaba** Sebo do Formiga • **Ribeirão Preto** Fundação Observatório do Livro e da Leitura / Livraria Travessa Ribeirão • **São João de Bela Vista** Bagagem Leve Sebo & Livraria • **Santo André** Gambaléia Espaço de Artes e Convivência • **Taubaté** Sebo Estação Cultural **RIO DE JANEIRO** • **Rio de Janeiro** Academia Brasileira de Letras / Belle Epoque Discos e Livros / Blooks Livraria / Casa do Choro / Espaço Otto e Meio / Espaço Saracvra / Livraria da Editora da UFRJ / Livraria Leonardo da Vinci / Livraria Universo Centro Cultural / Observatório de Imprensa / Plástico Bolha • **Itaipava** Livraria e Bistrô de Itaipava **ESPIRITO SANTO** • **Vitória** Torre de Papel • **Guarapari** Banca da Lua • **São Mateus** Livraria Sebo & Arte • **Três Rios** Livraria Favorita **GOIÁS** • **Goiania** Evoê Café Com Livros / Livraria Palvarear **MINAS GERAIS** • **Belo Horizonte** Armazem do Livro / Ateliê Estratégias Narrativas / Espaço Guajá • **Itajubá** Lume Livraria / Sebo Bis **Juiz de Fora** Espaço Excallibur / FLUX • **Uberlândia** UFU • **DISTRITO FEDERAL** • **Brasília** Banca da Conceição / Caixa Cultural / Ernesto Cafés Especiais / Livraria Café e Bistrô Sabinho / Rapport Cafés Especiais e Bistrô • **Celiândia** Projeto Jovem de Expressão • **Taguatinga** ONG Moradia e Cidadania • **MATO GROSSO DO SUL** • **Campo Grande** Livraria LeParole **ALAGOAS** • **Maceió** Casa de Cultura Luso-Brasileira **BAHIA** • **Salvador** Livraria Boto-Cor-de-Rosa / Livraria e Distribuidora Multimacip • **CEARÁ** • **Fortaleza** Livraria Lamarca / Sebo Elena **PARAÍBA** • **João Pessoa** Centro Cultural Espaço Mundo / Viveiro Pira / Quintal Armorial / A Budega Arte Café / Usina Cultural Emergente • **Cajazeiras** Livraria Universitária CZ **PERNAMBUCO** • **Recife** A Vida E Bela Café / Borsoi Café Clube / Centro Cultural Raimundo Carrero / Clandestino Café / Lalá Café e Cozinha Afetiva / Livraria Idéia Fixa / Malakoff Café • **Garanhuns** Livraria Casa Café **PIAUI** • **Terexina** Casa da Cultura / Café da Gota Serena / Espaço Artístico e Galeria Sobrado / Espaço Galpão **SERGIPE** • **Araçaju** Livraria Escariz **AMAZONAS** • **Manaus** O Alienigena Acervo e Espaço Cultural **PARÁ** • **Belém** Fox Video **MARANHÃO** • **São Luís** AMEI - Associação Maranhense de Escritores Independentes / Academia Ludovicense de Letras / Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro

Projeto Adote uma Biblioteca

Adopt Some Library project

PARANÁ • Curitiba Biblioteca da SEPT / Biblioteca da UniAndrade / Biblioteca da Universidade Tuiuti / Biblioteca da UP / Biblioteca da UTFPR / Biblioteca de Ciências Humanas da UFPR / Biblioteca do Bosque Alemão / Biblioteca do Colégio da Polícia Militar do Paraná / Biblioteca do Paço / Biblioteca Graçiosa Country Club / Biblioteca Hídeio Handa / Biblioteca Pública do Paraná / Bondinho da Leitura / Casa da Leitura Augusto Stresser / Casa da Leitura Dario Vellozo / Casa da Leitura Hilda Hilt / Casa da Leitura Jamil Snege / Casa da Leitura Laura Santos / Casa da Leitura Manoel Carlos Karam / Casa da Leitura Marcos Prado / Casa da Leitura Maria Nicolas / Casa da Leitura Miguel de Cervantes / Casa da Leitura Nair de Macedo / Casa da Leitura Osman Lins / Casa da Leitura Paulo Leminski / Casa da Leitura Vladimir Kozák / Casa da Leitura Walmor Marcelino / Casa da Leitura Wilson Bueno / Casa da Leitura Wilson Martins / Farol das Cidades / Farol do Saber Antônio Machado / Farol do Saber Aparecido Quinaglia / Farol do Saber Aristides Vinholes / Farol do Saber Emilio de Menezes / Farol do Saber Frei Miguel Bottacin / Farol do Saber Gibran Khalil / Farol do Saber Machado de Assis / Farol do Saber São Pedro e São Paulo / Farol do Saber Tom Jobim / Gerência Faróis do Saber / Gibiteca Jardim Pinheiros • **Adrianópolis** Biblioteca Cidadã Helena Kolody • **Ampere** Biblioteca Cidadã Professora Cremilda Yana - Arapongas Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis • **Araucária** Biblioteca Pública Emiliano Pernetá / Casa das Palavras Brincantes • **Cambé** Biblioteca Pública de Cambé • **Campo Largo** Biblioteca Pública Municipal Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo • **Campo Mourão** Biblioteca da Indústria do Conhecimento • **Cantagalo** Biblioteca Pública Municipal Valdemiro José Bona • **Cascavel** Biblioteca Pública Sandálio dos Santos • **Castro** Biblioteca Cidadã Prof.ª Nelsi Kugler • **Doutor Camargo** Biblioteca Cidadã Professora Eliza Regina Castanheira de Santana • **Guarapuava** Biblioteca Municipal Padre Ruiz de Montoya / Biblioteca do Centro de Artes e Esportes Unificados - CEU • **Lobato** Biblioteca Municipal Castro Alves • **Londrina** Biblioteca Municipal de Londrina • **Marechal Cândido Rondon** Biblioteca Cidadã Alice Weirich • **Maringá**



Banca Tatui

www.bancatatu.com.br

Desenho por Angela León

Este espaço é dedicado aos estabelecimentos que colaboram com a distribuição do Relevo por esse brasilão de meu Deus.

Traga o seu lugarzinho para cá também! Saiba como: contato@jornalrelevo.com

Biblioteca Prof. Bento Munhoz da Rocha Netto / Gerência do Livro, Leitura e Literatura de Maringá • **Maripá** Biblioteca Pública Cidadã Prof. Marlene Alenbrant • **Nova Fátima** Biblioteca Cidadã de Nova Fátima • **Ouirizona** Biblioteca Cidadã Prof. Ivete Aparecida Zaninelo Boson • **Palmeira** Biblioteca Municipal Moises Marcondes • **Pato Branco** Biblioteca Municipal de Pato Branco • **Piñ** Biblioteca Municipal Professora Helena Braun / Biblioteca Pública Municipal de Piñ A/C Eber Godoi • **Pinhais** Biblioteca Pública de Pinhais • **Ponta Grossa** Biblioteca Pública Municipal Professor Bruno Enei • **Pontal do Paraná** Biblioteca Pública Municipal Abílio João Vizzotto • **Rio Branco do Sul** Biblioteca do Colégio Manoel Borges de Macedo • **Rolândia** Biblioteca Cidadã Michael Trauman / Biblioteca Professor Eduardo Kasperski / Biblioteca Professor José Antônio Gorta / Biblioteca Pública Rui Barbosa / Biblioteca Sesi Indústria do Conhecimento • **Santa Mariana** Biblioteca Pública de Santa Mariana • **Terra Boa** Biblioteca Cidadã de Terra Boa • **Teixeira Soares** Biblioteca Municipal Cidadã de Teixeira Soares • **Tibagi** Biblioteca Pública Municipal Historiador Luiz Leopoldo Mercer • **Toledo** Biblioteca Pública Municipal de Toledo • **União da Vitória** Biblioteca IFPR de União da Vitória • **SANTA CATARINA** • **Florianópolis** Biblioteca Pública de Santa Catarina • **Blumenau** Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller / Biblioteca Universitária da FURB **RIO GRANDE DO SUL** • **Porto Alegre** Biblioteca Pública do Estado do RS • **Anta Gorda** Biblioteca Pública Municipal Cecília Meireles • **Pelotas** Biblioteca Pública Pelotense **SÃO PAULO** • **São Paulo** Biblioteca Pública Alceu Amoroso Lima / Biblioteca Mário de Andrade / Biblioteca de São Paulo / Biblioteca Parque Villa-Lobos • **Arujá** Biblioteca Municipal de Arujá • **Taubaté** Coordenadoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da UNITAU **RIO DE JANEIRO** • **Niterói** Biblioteca Popular Anísio Teixeira **ESPIRITO SANTO** • **Vitória** BPES A/C Rita de Cassia / Biblioteca Pública Municipal de Vitória • **Caracica** Biblioteca Pública Municipal de Caracica • **Vila Velha** Biblioteca Pública Municipal Vila Velha **MINAS GERAIS** • **Juiz de Fora** Biblioteca Pública Murilo Mendes • **Ituiutaba** UFU - Biblioteca Setorial Ituiutaba • **Monte Carmelo** UFU - Biblioteca Setorial Patos de Minas • **Patos de Minas** UFU - Biblioteca Setorial Patos de Minas • **Uberlândia** UFU - Sistema de Bibliotecas / UFU - Biblioteca Central Santa Mônica / UFU - Biblioteca Setorial Umuarama / UFU - Biblioteca Setorial Educação Física / UFU - Biblioteca Setorial Hospital de Clínicas **BAHIA** • **Salvador** Biblioteca Betty Coelho / Biblioteca Pública do Estado da Bahia • **Caxias** Biblioteca Pública Odylo Costa **CEARÁ** • **Fortaleza** Biblioteca Comunitária Livre Curió **PERNAMBUCO** • **Recife** Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaieares **PIAUI** • **Terexina** Biblioteca Pública Estadual Desembargador Cromwell de Carvalho **ACRE** • **Rio Branco** Biblioteca Estadual do Acre **MARANHÃO** • **São Luís** Biblioteca Pública Benedito Leite • **Biblioteca** Central da UFMA • **Caxias** Biblioteca Pública Odylo Costa **PARÁ** • **Belém** Biblioteca Comunitária Antonio Tavernard **ROAÍMA** • **Boa Vista** Biblioteca Pública do Estado de Roraima **TOCANTINS** • **Palmas** Biblioteca Pública Municipal Jaime Câmara Cortesia

APOIADONDES

Alexandre Guarnieri	Rio de Janeiro
Maurício Limeira	Rio de Janeiro
Ana Paula Oliver	São Paulo
Lis del Barco	São Paulo
Maria Carolina de Bonis	São Paulo
Tchello Barros	São Paulo
Daniel Osiecki	Curitiba
Flavio Jacobsen	Curitiba
Jaciara Carneiro	São José dos Pinhais
Joseani Ribas	Curitiba
Mara Lima	Curitiba
Samantha Abreu	Londrina
Jeison Giovanni Heiler	Jaraguá do Sul
Dinovaldo Gilioli	Florianópolis
Demétrios Galvão	Teresina
Joseani Netto	Santos Dumont

Editar é uma forma de saber literário

O **RelevO** mostra que literatura é um assunto que nunca acaba. São inúmeras as possibilidades de produção e de estilo dentro do jornal, e a edição de junho apenas reforça isso. Escrever nunca é fácil; é um trabalho penoso para o qual dedicamos cada vez menos tempo. O ser humano que consegue escrever com certa regularidade já merece o nosso apreço. Enfiar a escrita no meio de todas as coisas que precisamos fazer para nos manter neste mundo é uma guerra. E tudo isso sob o mantra “ninguém se importa” ecoando a cada batida nas teclas. Pode ser desmotivante, mas pode ser um combustível também.

A edição de junho do **RelevO** fica especialmente boa a partir do texto de André Cáceres e Bruna Meneguetti, “Parada 4 – Avenida Alcântara Machado”. Isso não quer dizer que o que vem antes não agrada. A carta de uma leitora, por exemplo, me prendeu muito mais do que alguns conteúdos seguintes. Temos também uma entrevista na medida certa sobre HQ e o miolo do jornal, sempre cativante. Mas, da página 17 em diante, os textos parecem convergir.

Em “Parada 4 – Avenida Alcântara Machado”, o tema me fisgou. Para mim, viagens de ônibus, assim como as salas de aula, são grandes laboratórios da humanidade. No restante do tempo estamos encenando. Contudo, nosso comportamento como aluno e como passageiro de um ônibus nos

revela. O olhar de um professor sobre nós, ou do cobrador do ônibus — personagem central no texto em questão — raramente se equivocam. É bom falar um pouco sobre coisas reais.

Depois, “A língua, o asterisco e a natureza da sardinha”, de Arzório Cardoso, vem com uma simplicidade... que eu imagino ser difícil de fazer. Uma das magias da literatura é a gente desconhecer por completo as condições em que o escritor produziu aquilo tudo. E, de qualquer forma, saiu. Está ali no papel, e nos parece simples. Nos encanta sem sabermos direito de onde vem. Isso é demais.

Viro a página e Elstor Hanzen me comove novamente com a sacada sobre as relações possíveis entre o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche e do compositor brasileiro Belchior. De novo, a experiência de coisas reais. É uma perspectiva inédita? Não. Ainda assim vale. Vale publicar no **RelevO**. Ler, discordar, depois concordar, encerrar sem saber se gostou ou não. Não importa, tudo é experiência. E aí encerramos com Diana Joucovski. Um texto forte num local bem escolhido do jornal. Editar também é uma forma de saber literário, não é? Tem metafísica nessa história de escrever, de publicar jornal de literatura. Mas tem muito da vida, o que, para Belchior, é muito pior. É disso que a gente gosta.

Pequenos gestos de bravura

Existe uma bolinha branca que aparece de vez em quando na nossa boca quando acordamos. Os profissionais de saúde a chamam de tonsilólito. É um cálculo formado de restos de alimentos, bactérias e células mortas da boca. Se um dia você pegar uma e cheirar, ainda mais se amassar antes, vai ver que ela é muito malcheirosa. Essa bolinha branca se forma quando um restinho de comida se aloja em um dos enormes buracos das nossas amígdalas. Nossas amígdalas são cheias de crateras, como a Lua. Quando um pedaço de comida passa por lá, ele pode ficar preso, aí se forma a pedra da amígdala. É uma das principais causas do mau hálito. Refluxo gastroesofágico também. Muitas pessoas não sabem que existem essas pedrinhas. Quando acordam, às vezes sentem a bolinha e simplesmente engolem. Nós passamos o dia inteiro engolindo pequenas coisinhas. Às vezes, é um gesto de bravura. Quase sempre é nojento.

Tenho um amigo que é muito preocupado com a saúde bucal, mas não é muito organizado com outras coisas. Faz um bochecho e passa fio dental sempre depois de cada refeição, seja lá onde estiver. Depois escova e usa enxaguante bucal. Depois passa manteiga de cacau nos lábios, mas acho que isso tem mais a ver com câncer de pele e menos com a saúde bucal. Deve fazer muito tempo que ele não tem pedra nas amígdalas. Nem mau hálito. Mas existe um problema aí que se passa com todas as pessoas que passam fio dental regularmente. O que fazer com o pedaço de bife que você acaba de tirar da gengiva? Esse meu amigo não gosta da ideia de pôr de volta na boca o que ele acabou de retirar dela. Então ele joga fora. Em qualquer lugar, seja lá onde estiver. Pega o pedaço de picanha mal passada do fio dental e passa no forro da mesa.

Isso é higiene.

Certamente, você tem um amigo que só toma banho quente e outro que só gosta de água gelada. Um que fuma e enche a cara e um que não bebe nem café. Eu conheço um que limpa os restos do fio dental em qualquer lugar e um que engole tudo de volta. Só que esse que engole, ele não usa fio dental, usa palito. Nunca foi ideal para mim, mas tem gente que gosta de usar apenas ele. Ele pega o palito, retira o resquício fibroso de bovino dentre

os dentes e admira a carne na ponta da madeira por dois longos segundos antes de chupá-la. Se não parar na amígdala, vai direto para o estômago.

Um cara da minha faculdade uma vez namorou uma menina muito linda. Essa namorada dele tinha, ou ainda deve ter, ela deve estar viva, uma mãe que adora cozinhar. Todo mundo elogiava a comida dela. Talvez fosse realmente boa, talvez fosse apenas para mantê-la cozinhando e lavando a louça. Cozinheiro e lavo e sou paga em elogios. Esse cara um dia estava me contando, no meio da aula de Botânica I, que almoçou domingo na casa da namorada e a sogra lhe fez uma salada cheia de folha e verdura. Você gosta de verdura? Então... Ele estava contando que foi almoçar lá no domingo. Não sei se era domingo mesmo, mas ele tinha ido lá almoçar a salada da sogra. Não tinha só salada, mas a salada é o que importa. Ele se serviu, pôs bastante comida, e para deixar claro que a quantidade de comida que ele serviu era mais proporcional à competência culinária da sogra do que à sua fome, foi elogiar a salada. Quando ele começou a falar, nossa, isso aqui tá muito bom, olhou para o garfo já em direção à sua boca. Engasgou um pouco, mas conseguiu terminar a frase. Nossa, isso, hum, isso aqui tá muito bom, que delícia esta salada de folhas verdes. E bichos. A salada dela era feita de folhas verdes e bichos.

Acontece muito com alface e couve-flor, mas pode acontecer com qualquer coisa. Existe uma frutinha típica do cerrado brasileiro, deliciosa, chamada seriguela, que parece um tomatinho-cereja. É quase impossível achar seriguela sem marcas de bichos. Os vermes a adoram. Eu a adoro. Esse menino em uma situação embaraçosa viu, bem na hora em que levava o garfo à boca e elogiava a comida da sogra, uma larvinha na salada. É normal ter desses bichos nas folhas das hortas. Geralmente, elas saem quando as lavamos e jogamos um pouco de vinagre, mas pode acontecer de passar. É até comum. Nós comemos larvinhas todos os dias sem saber. Menos eu, porque não como salada. Na hora não tinha como disfarçar, ele teria que terminar o elogio e engolir o bicho. Foi o que ele fez. Obviamente, a única coisa ruim deste caso é ele ter visto. Senão seria como qualquer uma dessas larvinhas que engolimos dia sim, dia não. Pena que a

minhoquinha branca estava na alface, não na couve-flor. Na couve-flor talvez ela se camuflasse.

Esse é um exemplo de gesto de bravura ao engolir coisinhas. Para proteger o bem-estar da sogra. A honra do sogro. O amor da namorada. Sim, o amor é feito desses pequenos gestos: engolir a larva na salada da sogra e não contar depois para a namorada. Infelizmente, o namoro não deu certo. Depois disso, o cara não se conformou do nojo da namorada com algumas coisinhas. Todo mundo sabe que sexo sem nojo é melhor, menos quem nunca fez sexo, ou quem só fez com nojo, o que é quase a mesma coisa. Você não precisa gostar de cocô, mas um pouquinho no pau também não mata ninguém. Já ouvi falar de homem que brochava com papel higiênico grudado na perereca das meninas. Eu não tenho nojo disso, mas cada um é um. Talvez esse não fosse o real motivo, vai saber. Por outro lado, meu primo já me contou de uma menina que ele pegou numa boate. Disse que ela estava com tanto tesão, que até hoje tem marca das unhas dela nas costas dele. Aí a única opção razoável foi levá-la para sua casa. A do meu primo, no caso, não a da menina, é lógico. Como sabemos bem, bêbado precisa fazer xixi tanto quanto precisa beber mais. Meu primo logo apresentou seu banheiro imaculado para a moça desconhecida e já começou a se preparar para a fornicação, enquanto a esperava.

Quando ela saiu, ele alisou sua bundinha, beijou seu pescoço e mordeu bem de leve seus mamilos, seguindo o protocolo. Quando desceu para fazer sexo oral, quis elogiar a belezinha que estava prestes a experimentar. Nossa, que bocetinha gostosa. Já tinha aberto a boca para falar — porque nessa hora ele ainda ia falar — e viu um pedacinho de papel higiênico. É como achar larva na alface. Uma coisinha branca e comprida no meio de uma superfície enrugada. E, igual ao cara da minha sala, ele não poderia parar no meio do caminho. Nossa, que, hum, que bocetinha gostosa.

Se não parar na amígdala, vai direto para o estômago.

Um gesto de bravura.

Ele aproveitou a noite, ah, se aproveitou! Muito mais do que o cara do nojinho. E depois descobriu que a menina também engolia coisinhas. Afinal, a bravura é sempre recompensada.

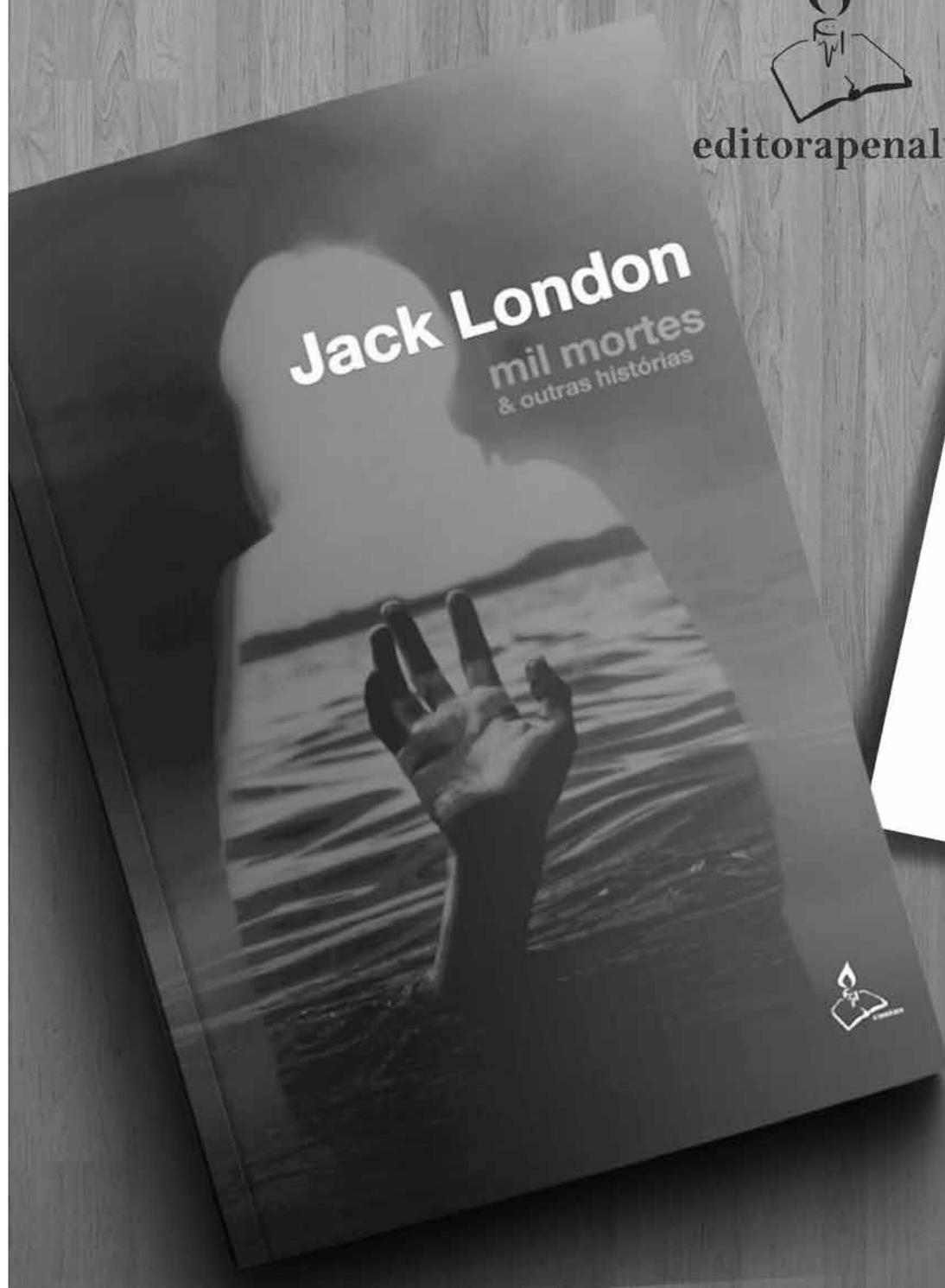
Mil mortes & outras histórias

Jack London

Uma coletânea inédita que reúne contos para quem curte ficção científica e enredos com um toque de sobrenatural.



editorapenalux



QUANDO OLHO PARA TRÁS, vejo que amizade peculiar era aquela. Em primeiro lugar, lá estava Lloyd Inwood, alto, esguio, bem vestido, nervoso e moreno. E, depois, Paul Tichlorne, alto, esguio, bem vestido, nervoso e louro. Um era a réplica do outro em tudo, exceto na cor. Os olhos de Lloyd eram negros; os de Paul eram azuis. Em momentos de estresse ou de excitação, o sangue que subia deixava a pele do rosto de Lloyd azeitonada, a de Paul ficava escarlate. Mas deixando de lado essa questão das cores, eles eram como um par de vasos. Ambos eram facilmente irritáveis, determinados, propensos a muito nervosismo e viviam em constante tensão. Mas essa amizade tão notável era um trio, e o terceiro era baixo, gordo, corpulento, preguiçoso e, sinto dizer, esse era eu.

A sombra e o raio. 1903
(em *Mil mortes e outras histórias*, Penalux, 2018).

Campanha de pré-venda:
catarse.me/jacklondon

Arranjo de sétima com nona



Tungstênio estreou em 21 de junho nas salas de cinema brasileiras. Com direção de Heitor Dhalia (*Cheiro do Ralo* [2006] e *Serra Pelada* [2013]), o longa-metragem circula desde já como um triunfo da parceria entre HQ e cinema latino-americanos.

Com a precisão de diálogos que somente vamos encontrar em nomes como Luiz Vilela, Marcelo Quintanilha (1971) constrói personagens complexos com histórias de limitações urbanas que podemos encontrar de Salvador às afrolatinas Cartagena das Índias e Acapulco. Lançada no Brasil em 2014 pela editora Veneta, a edição francesa de *Tungstênio* foi premiada na 43ª edição do Festival Internacional de Quadrinhos de Angoulême [FIBD], na categoria HQ Policial.

Depois de um processo de imersão na capital baiana há cerca de 15 anos, Quintanilha havia adquirido o hábito de ouvir um programa de rádio mesmo ao voltar para sua casa na Europa. Foi quando pescou uma notícia que o levou a começar seu romance gráfico. Da assinatura do livro com editor espanhol ao processo da adaptação da obra para a sétima arte, a voz original de Quintanilha se dirige aos leitores do **Relevo**.

Uma das forças de seu trabalho são os diálogos. Como você “treinou seu ouvido” para captar e criar diálogos?

Sempre fui interessado pelo trabalho de escritores que conseguiram transcrever a oralidade de uma maneira muito escoreita para os textos que escreviam. Autores como Machado de Assis e Lima Barreto sempre estiveram no meu campo de visão. Sempre tentei entender a maneira correta de escrever a forma de “falar errado”. O campo da oralidade sempre me fascinou muito. Para qualquer personagem das minhas histórias, existe um trabalho de percepção das expressões das pessoas em seu dia a dia, que vem de um trabalho de interpretação e de leitura insistentes, repetitivos, no sentido de encontrar a melhor maneira de transcrever algo que soe realmente real. Esse trabalho me leva a repetir o texto em voz alta muitas e muitas vezes ao longo do processo.

O gatilho da história de Tungstênio é a pesca com bombas na Baía de Todos-os-Santos, na capital baiana. Você já o presenciou? Como surgiu a ideia de transformar esse crime ambiental no estopim da sua HQ?

Já presenciei pesca com bombas. É um ato que considero extremamente agressivo. A ideia de construir uma história em torno desse acontecimento nasceu enquanto eu estava trabalhando num livro sobre Salvador. Fiquei duas semanas na cidade para escrever o livro [projeto *Cidades Ilustradas*], a convite da Editora Casa 21, e foi um processo absolutamente maravilhoso. Salvador sempre foi uma cidade que esteve no meu imaginário e eu tive a oportunidade de juntar um material muito contundente. Tive a oportunidade de entrevistar pessoas, de transitar pela cidade, de conhecer a cidade de uma maneira muito profunda e honesta. A experiência teve um efeito sobre mim, quase como o de fazer com que me encontrasse comigo mesmo.

Qual é a gênese de Tungstênio?

Nessa época, já estava morando na Europa e trabalhei

todo o livro por lá. Deve ter sido em 2003, se não me engano, quando desenvolvi o hábito de escutar a rádio local baiana, a Rádio Sociedade da Bahia [AM 740; emissora criada nos anos 1920], e uma notícia dizia que um policial à paisana deu voz de prisão a dois pescadores que estavam pescando com bomba nas imediações do Mont Serrat [Forte de Nossa Senhora de Monte Serrat]. E, antes que eu pudesse me dar conta, comecei a imaginar uma teia de acontecimentos em torno desse pequeno acontecimento. A notícia não dava nenhum dado relevante, mas a história já tinha começado a se formar, sem que eu tivesse me dado conta. A gênese da história foi essa. Depois disso, fui convidado pelo editor espanhol Josep Maria Berenguer [1944–2012] para apresentar uma história para a editora dele [La Cúpula], da Espanha. E eu tinha desenvolvido a história de Tungstênio durante algum tempo e apresentei a história para ele. Imediatamente assinamos o contrato.

Como você analisa o trabalho do editor brasileiro Rogério de Campos na publicação dos seus livros?

Rogério de Campos tem sido meu principal editor no Brasil ao longo de muitos anos. Eu me sinto muito satisfeito de fazer parte de uma editora como a Veneta. É um editor que considero como um dos principais editores brasileiros. Ele realmente sabe o que publica e por que publica. Eu sempre admirei muito o trabalho dele, contundente tanto do ponto de vista técnico quanto político.

O que lhe chamou a atenção no trabalho de atores da adaptação cinematográfica de Tungstênio?

A relação dos atores com os personagens foi uma coisa absolutamente magnífica. É um processo fascinante a forma como os atores são capazes de lançar mão de elementos de sua própria mitologia pessoal para dar voz e vida a personagens que estavam pensados apenas para existirem no papel, num primeiro momento. Da perspectiva de um autor de quadrinhos, penso que os atores se apropriaram dos personagens a tal ponto que qualquer improviso, qualquer acréscimo, dizia respeito de uma maneira muito intensa à forma como os personagens foram concebidos [para os quadrinhos].

Como foi compartilhar roteiro com Marçal Aquino e Fernando Bonassi e ter a história dirigida pelo olhar do Dhalia? Afinal, na HQ você é responsável por todo o processo criativo e técnico.

Foi fantástico em todos os sentidos. Tivemos uma relação de muita confiança desde o começo, tanto Heitor quanto Marçal e Bonassi. Eles são pessoas com as quais se pode falar absolutamente de qualquer coisa. Todo o processo foi muito intenso e dinâmico. Tudo fluiu de uma maneira muito rápida, desde a concepção do roteiro até o financiamento. A relação que tive com os três autores não poderia ter sido melhor. Eu me senti muito à vontade de dialogar com outros pontos de vista, em benefício do filme.



Ibn Fadlan (Trad. e prefácio: Pedro Martins Criado)

Viagem ao Volga

Trecho de *Viagem ao Volga – relato do enviado de um califa ao rei dos eslavos*, Carambaia, 2018

Apresentação

A viagem de um relato

A história deste livro é como a de um grande viajante. Ela se inicia entre os anos 921 e 922 d.C. — ou 309 e 310 H., de acordo com o calendário islâmico —, período em que um representante do califado árabe registra a trajetória de sua comitiva durante uma missão diplomática. Esse relato foi utilizado, no século VII H./XIII d.C., como fonte de pesquisa por um geógrafo que escrevia uma enciclopédia sobre os países então conhecidos. Séculos mais tarde, somente em 1923, foi descoberto no Irã um conjunto de manuscritos do século VII H./XIII d.C. contendo quatro livros — entre eles, uma versão incompleta deste relato. Tal versão, por sua vez, passou a circular em sua primeira edição independente após a fixação em 1939.

★

Este é o livro de Aḥmad Ibn Faḍlān Ibn Al °Abbās Ibn Rāšid Ibn Ḥammād, protegido de Muḥammad Ibn Sulaymān, enviado de Almuqtadir ao rei dos eslavos, a respeito do que viu nos países dos turcos, dos khazares, dos rus, dos eslavos, dos basquires e de outros, seus diferentes costumes, as histórias de seus reis e as condições em que vivem, sob diversos aspectos.

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso¹

Disse Aḥmad Ibn Faḍlān:²

Quando chegou uma carta de Almaš Ibn [Šilkī]

Yalṭwār, rei dos eslavos, ao comandante dos fiéis, Almuqtadir, pedindo um emissário que o instruisse na religião e nas leis do Islã, construiu uma mesquita e erigiu um mimbar para proclamar o nome do califa por todo o seu reino, além da construção de um forte para se defender dos reis adversários, a resposta ao pedido foi favorável.

O embaixador era Naḍīr Alḥaramī; a mim foi dada a responsabilidade de ler para o rei as cartas do califa, entregar os presentes enviados e supervisionar os juristas e instrutores. Para custear as construções que mencionamos e pagar esses juristas e instrutores, uma quantia de dinheiro lhe seria remetida da cidade conhecida como Arṭaḷuṣmiṭayn, um dos distritos de Ibn Alfurāt, da terra de Ḥuwārizm.

O enviado do rei dos eslavos a Almuqtadir era um homem chamado °Abdullāh Ibn Bāštū, o Khazarī. O enviado do sultão era Sawsan Arrassī, protegido de Naḍīr Alḥaramī, além de Takīn, o Turco, e Bārs, o Eslavo. Eu os acompanhei — conforme mencionei antes — para entregar presentes para o rei, suas esposas, seus filhos, seus irmãos e seus generais, e um medicamento que ele pedira quando escreveu a Naḍīr.

Os Persas e os Turcos A Partida

Partimos da Cidade da Paz [Bagdá] na quinta-feira, à 11a noite de Ṣafar do ano 309 [H./21 de junho de 921 d.C.]. Ficamos um dia em Nahrawān e saímos de novo, viajando velozmente até chegarmos a Daskara, onde passamos três dias. Então, deixamos o lugar determinados a não nos

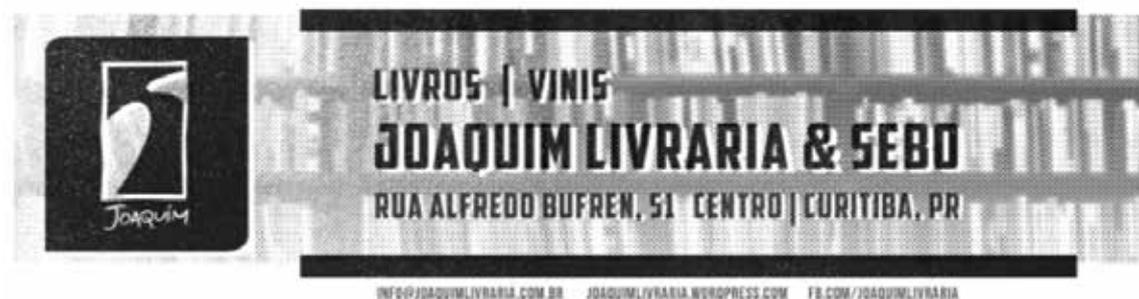
deter até alcançarmos Ḥulwān, onde ficamos por dois dias. De lá, nos encaminhamos para Qarmīsīn, onde ficamos dois dias, e então seguimos até Hamḍān, onde permanecemos três dias.

Então, prosseguimos até Sāwa, onde paramos por dois dias; de lá, partimos para Rayy, onde esperamos, por onze dias, Aḥmad Ibn °Alī, irmão de Ṣu °lūk, que estava em Ḥuwār Arrayy. Partimos para Ḥuwār Arrayy, para uma parada de três dias, em seguida nos dirigimos a Simnān e de lá para Dāmḡān, onde encontramos por acaso Ibn Qārin, da parte de Addā °ī. Nós nos camuflamos em meio à caravana e prosseguimos diligentes até Nīsābūr, onde havia pouco morrera Laylā Ibn Nu °mān. Foi lá também onde conhecemos Ḥamawayh Kūsā, comandante do exército de Ḥurāsān.

Viajamos, então, para Sarḥas; de lá para Marw, e de Marw para Qušmahān, que fica à beira do deserto de Amul. Passamos três dias ali, deixando os camelos descansarem antes que adentrássemos o deserto. Cortamos o deserto até Amul e, cruzando o rio Jayḥūn, chegamos a Afrīr, o posto avançado de Ṭāhir Ibn °Alī.

Buḥārā

De Afrīr, fomos até Bikand e, então, entramos em Buḥārā. Ao chegarmos lá, nos dirigimos a Aljayhānī, secretário do emir de Ḥurāsān, que ali é conhecido como “o xeique chefe”. Ele ordenou que nos providenciassem uma casa e nos enviou um homem para atender a nossas necessidades, ficar à nossa disposição e prover tudo que pudéssemos querer. Esperamos vários dias até que ele pediu em nosso nome permissão



para que víssemos Naşr Ibn Aḥmad. Quando o encontramos, vimos que ele era um jovem imberbe e o cumprimentamos como a um emir. Ele nos ordenou que sentássemos e a primeira coisa que nos perguntou foi: “Como estava meu senhor, o comandante dos fiéis, quando vocês o deixaram? – Deus prolongue sua vida e preserve sua saúde e a de seus jovens e auxiliares”; ao que respondemos: “Bem”. Ele disse: “Deus eleve seu bom estado!”.

A seguir, foi lida para ele a carta que o ordenava a transferir o distrito de Artahuşmitayn das mãos de Alfaḍl Ibn Mūsā, o Cristão, representante de Ibn Alfurāt, para o governo de Aḥmad Ibn Mūsā Alḥuwārizmī. Também lhe foi solicitado que nos deixasse seguir em frente e enviasse uma carta a seu governante em Ḥuwārizm para que ele não dificultasse nossa passagem e outra ao guardião do portão dos turcos para que nos escoltassem e não pusessem nenhuma dificuldade à nossa passagem.

Ele perguntou: “Onde está Aḥmad Ibn Mūsā?”. E respondemos: “Nós o deixamos quando saímos da Cidade da Paz. Ele nos seguiria após cinco dias”.

1 Na tradição de copistas de manuscritos árabes, é uma prática obrigatória abrir as cópias com essa evocação, chamada basmallah, que é, originalmente, o primeiríssimo versículo do Alcorão.

2 A recorrência do termo “disse” pontuando o relato, mesmo sem troca do narrador, é própria da tradição dos copistas e característica da literatura árabe. Foram mantidas todas as menções do original.

Cinthia Kriemler

Madalena
Aspásia
Neera
Pompadour
du Barry
Surfistinha

o que pensas de mim
faz-me sê-las
ou ser-me?

harimtu
pornai
hetaira
gueixa
puta

o que pensas de mim
faz-me sê-las
ou ser-me?

Delicatae
Copae
Noctilucae
Lupae
Forariae
Fornicatrices
Bustuariae
Prostibulae

o que penso delas
faz-me sê-las
e ser-me.

TOGURDS
F DA CVMZ
J LÉ BQ
WRT L I
UDOLTRA
TODALETRA.COM.BR



Olá, leitores do RelevO!

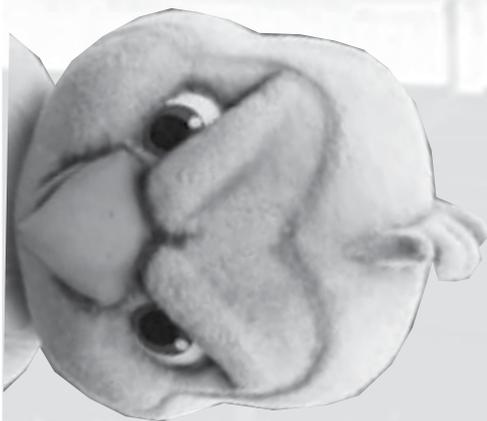
Meu nome é Ulisses Belleigoli. Sou escritor e vivo em Juiz de Fora, interior de Minas Gerais.

Em 2018, tornei-me leitor do RelevO. Achei esse projeto tão legal que resolvi divulgar meus livros por aqui.

Espiem só:

 livrosdulisses.minestore.com.br
 facebook.com/livrosdulisses





POEMAS DA FIFA WORLD CUP

*calor que sobe
chuva que cai
Muslera ainda
titular do Uruguai*

*you saw Neymar's hair?
you saw Neymar's hair?
you saw Neymar's hair...?
everyone saw Neymar's hair:
about this there is nothing
that you will add*

*goalkeeper of coke
De Gea was top
in the Cup didn't hit
Jandrei da Chape*

*Bolaños did Chaves
Rivera, other arts.
More pick than they
Captain Rafa Márquez*

*go, return; go return;
eye movement
and lack of air.
go, return;
go... return.
a first poem
dedicated to VAR*

*Argentina climbed
you made bets?
Looks like Messi
and ten bags of shit*

*After Croatia
audacity that rolls
Messi looks like
Neto Berola*

*After Nigeria
a fear on the head
Someone for Argentina
before it grows*

*I lost my wallet
I ruined my career
I'm f---ing the trash
in the room, dripping
but I don't need to hurry
Mauro Cezar Pereira*



SABER FUTE

BAIXAO DE BRA

RUSSIA 2018

*Brasil com Firmino
Colômbia com Mina
Ninguém quer saber
do bolão da firma*

*Deuses, demônios
santos e anjos —
El-Hadary do Egito
quarenta e cinco anos*

*diferentão, fã de pós-rock,
mala que ninguém carrega,
aceite, hipster tonto,
a Islândia já é brega*

*belga burro, otário
vai se fodê: não levou o Nainggolan
por quê?*

*aaaaah!
Seu nome é Martínez, você é espanhol:
burro, otário igual*

*Vermaelen, Vertonghen
Witsel, Mertens
Januzaj...
...Batshuayi
Chadli, Boyata
Dendoncker, Lukaku
Tielemans, Casteels
Perceba você:
na Bélgica só tem Pokemón —
— até o Mignolet
Pode ver, é verdade:
até esqueci do Alderweireld.*

*Sergio Ramos na zaga,
o mais duro granito.
Privilégio branco
é o Piqué ser bonito*



Segundas chances

Conto integrante de *O que acontece quando um homem caiu do céu*, Kapulana, São Paulo, 2018

Ignore por um momento que, dois anos depois de completar meu mestrado, eu já tenho idade para comprar uma cama e não ter que pedir ajuda ao meu pai para pagar o colchão, só para vê-lo chegar acompanhado da minha mãe, que parece ter saído de uma fotografia e tenta flertar com o vendedor, coisa que ela nunca conseguiu fazer, mas dessa vez funciona e ela consegue um desconto de vinte por cento. Ignore por um momento que ela está usando uma roupa que eu não via há dezoito anos, desde a Nigéria, quando ela estava grávida da minha irmã mais nova, ainda no início da gestação, e caiu na escada de concreto em frente à nossa casa, rasgando o vestido de cima a baixo. Ignore que ela pula de uma cama para outra, balançando em cada uma como se não sentasse em um colchão há muito tempo, e que o vendedor vai atrás dela como se quisesse subir ali, ao lado dela. Ignore tudo isso porque minha mãe está morta há oito anos.

Meu pai evita os olhares que lanço na sua direção e eu agradeço o fato de ter camas ao meu redor, porque caio em uma, incapaz de me manter de pé. Quando agarro o pulso do meu pai — no momento não consigo nem imaginar encostar nela —, ele se solta e se afasta de mim. Eu vou atrás dele, mas ele foge, então vou até minha mãe e pergunto:

– Que merda você tá fazendo aqui?

O vendedor me olha como se eu tivesse chutado minha mãe, e ela parece magoada, como se eu tivesse mesmo feito isso. Mas o choque deixa muito pouco espaço para a culpa.

– Eu e o seu pai estamos te comprando uma cama, você não disse que queria uma cama?

Eu achava que nunca mais ouviria essa censura misturada com gentileza e meus joelhos quase se dobram, mas alguma coisa sobre a maneira casual como ela está me corrigindo, como se tivesse algum direito de fazer isso, me irrita.

– Por que você está aqui? Você deveria estar...

Meu pai me interrompe:

– Você quer a cama ou não?

Os dois me olham, esperando. Eu quero insistir no assunto, mas também preciso mesmo de uma

cama. Eu faço que sim com a cabeça e o vendedor hesita, como se não quisesse mais dar o desconto se a cama fosse para mim, mas se afasta para processar a compra. Minha mãe está vasculhando a bolsa e eu sei que não é para pagar, porque ela nunca paga quando meu pai está junto. Mas talvez ela seja diferente agora. Ela suspira e diz:

– Ike, querido, você viu meus óculos de sol?

A foto da qual minha mãe saiu foi tirada em 1982. Ela veste um cafetã acinturado com estampa de *ankara* que está esvoaçando elegantemente. Há uma pátina vermelha na foto, que se desenvolveu com o tempo. Enquanto a observo na cozinha, cantarolando e inspecionando os armários, percebo que a mancha vermelha está nela, mais óbvia aqui ao lado dos móveis brancos do que na loja. As bordas do seu rosto são difusas, como se, assim como a foto, ela estivesse levemente borrada. A bolsa de ráfia bege está pendurada em seu ombro. A única coisa faltando são os óculos escuros de armação vermelha. Na foto, eles estão pendurados no V do decote, esperando pelo sol de Enugu. Meu pai fica o tempo todo ao redor dela e está mais grisalho, pesado e lento do que da última vez que eu os vi juntos, mas eles se movem da mesma maneira, em uma dança delicada, familiar. Toda vez que começo a dizer alguma coisa, meu pai me olha e a felicidade dele me cala. Quando eles aproximam seus rostos e começam a cochichar, saio da cozinha e vou para o quarto do meu pai. Eu preciso encontrar a foto.

Ela não está na penteadeira onde, mesmo depois de todos esses anos, ainda estão os perfumes e as joias da minha mãe, vidros cintilantes, de Avon até Armani. As joias são igualmente variadas, mas a maioria são bijuterias, peças extravagantes e chamativas, cheias de brilho. Minha mãe não estava usando nenhuma joia na foto, nem um anel, já que ela e meu pai não eram casados na época, eram apenas namorados jovens e corajosos que não deviam nada a ninguém, como ela costumava dizer. Há outras fotos dela na penteadeira. Uma de quando ela era criança, tensa entre seus pais, que já morreram há muito tempo. Fotos dela na minha formatura do Ensino Médio, no aniversário de cinquenta anos do meu pai, e a minha favorita, uma em que ela estava agachada, ajustando as calças

cheias de babados da minha irmã bebê; meu pai tinha tirado a foto bem na hora em que Udoma beijou o topo da cabeça da Mamãe. Udoma. Escutei a porta da frente se abrir e ela chamar daquele jeito meio “querida, cheguei” e corri para avisá-la antes que fosse tarde demais.

Udoma entra e para por um momento, chocada, enquanto meu pai fica ali, com os braços esticados como se dissesse “surpresa!”, e ela faz o que eu deveria ter feito quando vi minha mãe: corre até ela e a abraça tão apertado que não sei como a Mamãe consegue respirar, chorando tanto que as duas tremem juntas.

Não voltaria para meu apartamento, nem pensar. Ligo para o trabalho e deixo uma mensagem pontuada por espirros nem um pouco convincentes. É a minha décima terceira bola fora, mas eu não ligo. Udoma está praticamente no colo da Mamãe, contando para ela cada coisinha que sempre quis contar. Assim como meu pai, ela tinha simplesmente aceitado a presença da minha mãe como se fosse nada. Eu fico afastada enquanto os três estão aninhados. Udoma para e fica olhando para o rosto da Mamãe e eu espero que ela diga alguma coisa sobre ele, mas ela só vai para o chão e aconchega a cabeça na barriga dela. Ela tinha dez anos quando nossa mãe morreu e tinha recém desembarcado de volta de Lagos, onde tinha passado as férias de verão. Ela está contando para Mamãe tudo sobre aquela viagem e todas as outras que vieram depois, todos os quilômetros rodados em oito anos. Meu pai ocasionalmente interrompe para atualizar minha mãe sobre quem está onde agora, e essa é a primeira vez que ele menciona o fato de que ela esteve longe.

– E você, Uche, o que você tem feito?

Eles esperam para ver se vou me juntar à brincadeira.

– Tenho tentado superar isso tudo. Sabe, porque você morreu.

Minha mãe coloca a mão no peito, onde os óculos deveriam estar, como se eu tivesse praguejado, e meu pai balança a cabeça.

O silêncio cresce e eu me retiro.

Eu fui uma criança com tendência a ter ataques histéricos. Cada corte era uma ferida profunda que certamente formaria um quelóide e me deformaria, cada briguinha no parquinho era uma infração

imperdoável que justificava um colapso. Também adquiri o hábito de roubar, o que fez com que eu não fosse bem-vinda na casa de vários dos meus colegas de classe, então eu passava a maior parte do meu tempo livre brincando no salão/loja de móveis da minha mãe. Frequentemente, me pergunto se sou desse jeito por causa de todas aquelas horas inalando terebintina e spray de cabelo. Quando o movimento estava fraco, minha mãe e sua assistente, Obiageli, enrolavam meu cabelo e faziam penteados elaborados. Existe uma foto em que estou sorrindo como se mostrar todos os meus dentes fosse salvar o mundo, meu cabelo encaracolado e arrumado ao redor da minha cabeça como se fosse um turbante. A Obiageli tinha convencido minha mãe a passar pó compacto no meu rosto, com o auxílio de um ataque que eu tive e derrotou sua relutância. Eu pareço uma debutante do Texas que acabaria casando por interesse, e minha mãe está ao meu lado, com uma aparência exausta, porque acima de tudo era isso que eu era: exaustiva. Meu pai tinha sido mandado para Argel pela companhia de petróleo para a qual trabalhava e muitas vezes, até a chegada de Udoma, éramos só minha mãe e eu. Os ataques histéricos da minha infância eventualmente se tornaram um egocentrismo desagradável que foi o tópico da última conversa com minha mãe, oito anos atrás.

Depois da morte da minha mãe, eu passei alguns meses em um lugar onde eles me davam comida e remédios na boca. Eu e meu pai nunca conversamos sobre o estado no qual ele me encontrou, Alabama, para onde eu tinha fugido, de volta para O Ex que eu tinha prometido nunca mais ver. Também nunca falamos sobre o estado no qual ele me encontrou, catatônica depois de engolir um punhado de pílulas, enrolada em uma poça de vômito. Mas quando acordei, eu estava no hospital e ele estava lá e eu entendi que as coisas teriam que melhorar. Eu tinha vinte e dois anos.

Demorou um ano e meio para eu me recompor e mais cinco para completar meu mestrado em técnicas de comunicação, que deveria ter sido feito em dois. Morei com meu pai até um ano atrás. Mas depois de uma vida sentindo que eu era um nervo exposto, minha mielina tinha finalmente crescido. Ainda era difícil segurar um emprego. Eu trabalhava

alguns dias por semana em uma fábrica de canos, separando peças. Às vezes, até esses poucos dias eram pesados demais e eu desaparecia. Mas as faltas se tornaram menos frequentes conforme as coisas foram melhorando, e eu comecei a ser uma pessoa de novo. E aí ela aparece, trá-lá-lá, como se essa merda não significasse nada.

Volto a procurar a fotografia. Evito meu antigo quarto, que ainda está uma bagunça, um tornado, como eu tinha deixado. Se a foto estiver lá, nunca será encontrada. Em vez disso, vou até o quarto de Udoma, organizado como um cenário de revista. Começo com a cômoda mais próxima, tão arrumada quanto o resto do quarto, todas as meias e calcinhas dobradas em quadradinhos. É fácil perceber que a foto não está aqui. Eu enfio a mão na gaveta e bagunço tudo mesmo assim. Estou passando para a próxima quando escuto Udoma suspirar, parada na porta. Eu a ignoro e continuo procurando. E eu sinto como se estivesse me desenrolando por inteira, até sobrar apenas um núcleo cru. Eu preciso encontrar essa foto. Preciso.

Udoma coloca uma mão no meu ombro para que eu pare. Ela me abraça e me surpreende novamente com a sua intuição. Também era assim na nossa infância, começando quando nos mudamos para Houston, quando ela tinha só cinco anos, e eu dezessete. Ela sempre tinha sido capaz de perceber meu humor, minhas necessidades, e de contorcer-se para encaixar-se nelas. Agora, ela sussurra:

– Por que você não me deixa aproveitar isso? Por favor, me deixa aproveitar isso.

Mas eu não consigo.

– Ela deveria estar morta.

A palavra faz Udoma se encolher.

– Você não tem nenhuma pergunta?

– Eu não me importo. Você também não deveria se importar. Você ficou tão triste quando ela... foi embora. Por que tá chateada que ela tenha voltado?

Eu olho para ela, vestida com o uniforme da escola católica que frequenta. Eu nunca perguntei se ela tem fé de verdade, com receio de introduzir mais uma complicação à minha história – descrente! pecadora! além de doida! –, mas ela sempre pareceu tão certa de tudo, sempre aceitou o destino de um jeito que eu nunca compreendi. Tenho inveja dessas

certezas. Tenho inveja da relação descomplicada dela com a nossa mãe, na qual a Mamãe era simplesmente a Mamãe, e não uma mulher de quem ela discordava. Eu me afasto, evitando dar qualquer resposta, e dou com minha mãe na porta.

– Meninas, vocês viram meus óculos de sol?

Minha resposta para a pergunta de Udoma tinha sugado toda a umidade da minha garganta, e eu contornei minha mãe, incapaz de dizer qualquer coisa. Udoma disse alguma coisa e minha mãe respondeu alguma coisa e com certeza elas iniciaram uma conversa sensível da qual eu nunca vou participar.

Lá embaixo, meu pai está dormindo no sofá, uma taça de vinho e o celular na mesinha em frente. Imagino o que minha mãe disse quando ele serviu o vinho, já que ele foi abster-se desde antes de eu nascer. Ele parece maior do que nunca, como se estivesse inflado pela felicidade, e ronca muito alto, a trilha sonora da minha infância. Então, noto um papel branco meio encardido escapando da capinha do celular, de uma parte feita para colocar cartões de crédito. Pego o celular e corro até o lavabo, me trancando lá dentro. Agarro a ponta do papel e puxo.

A foto tinha sido dobrada várias vezes, então se abre como um acordeão, revelando um sofá manchado de vermelho e o topo de uma caixa de som grande que servia como mesa de centro. Minha mãe, que deveria estar na frente do sofá, sumiu. No canto, tão pequenos que quase não os vejo, estão os óculos que ela tanto procura, quase para fora da foto.

Um soluço borbulha na minha garganta. Eu sento para tentar me acalmar e minha perna direita começa a tremer. Lembro da nossa última conversa.

Eu estava na sala de estar, esperando a hora de ir buscar Udoma no aeroporto. Ela tinha passado dois meses de verão com minha tia, de quem eu não gostava porque ela se negava a aturar todas as merdas que eu fazia. Estava perto da hora de sair e eu estava zapeando pelos canais da TV e acabei pegando no sono.

Acordei com minha mãe berrando.

– Quer dizer que você ainda está aqui? A polícia me liga do aeroporto porque eles acham que sua irmã foi abandonada, e você está aqui? Eu achei que tinha acontecido alguma coisa com você!

O desespero dela espantou meu sono e eu fiquei prontamente alerta e pedi desculpas. Uma olhada rápida me informou que eu estava quase quatro horas atrasada e o pânico aflorou no meu estômago. Eu vi que minha mãe tinha ultrapassado seu nível normal de fúria porque ela jogou a Bíblia no sofá como se fosse um livro de banca de revistas. Ela enfiou o telefone bem na minha cara, o telefone que ela sempre colocava no silencioso nas quartas-feiras à noite para não se distrair durante os encontros de estudo da Bíblia, e tinha quase trinta mensagens. Eu tinha violado sua regra mais importante como imigrante: Viva de forma simples e de acordo com as regras.

– Sempre, Uche, sempre que eu peço um favor simples, você não consegue fazer.

– Desculpa.

– Desculpa, desculpa. Sempre pedindo desculpa. Não – ela cortou minha resposta pela raiz. – Você é uma decepção. Uma grande decepção. Você é uma decepção.

A última frase foi dita não com raiva, mas com uma tristeza abrupta que sublinhou o quanto ela era verdadeira. No timbre dela ressoavam todas as merdas que eu já tinha feito. Todos os surtos, os roubos, todas as vezes que ela deve ter sentido vergonha de me apresentar como sua filha.

Eu corri para o quintal e bati a porta tão forte que ela quebrou, e o som do vidro rachando acalmou um pouco a minha dor. Minha mãe começou de novo, berrando enquanto pegava as chaves do carro e saía para buscar Udoma.

Eu nunca contei para o meu pai sobre nossa última conversa, nem para Udoma. Nem mesmo para o terapeuta naquele lugar, que cavou e cavou porque sabia que eu estava escondendo alguma coisa. Esse segredo é um manto de culpa que eu vou vestir para o resto da vida.

Agora, sem batidas na porta, começo a me sentir encabulada, como uma criança que se escondeu, mas ninguém tentou encontrar. Saio do lavabo e encontro meu pai no mesmo lugar, sem ter nem percebido o sumiço da foto. Alguém o cobriu com um cobertor. Ouço o barulho de painéis se beijando na cozinha e já sei quem está lá. Ela me olha quando eu entro, mas logo volta à sua tarefa, um buquê de ingredientes que vão virar sopa.

– Por que você não consegue aproveitar isso? – minha mãe diz, ecoando tão perfeitamente o “Por que você não me deixa aproveitar isso?” da Udoma

que eu suspeito que elas estão conspirando. Como eu não digo nada, ela se vira para me encarar, segurando uma galinha despenada, e faz a pergunta cuja resposta tanto tem me incomodado.

– Nne, o que você quer de mim?

Eu quero que você ferva a galinha com óleo e sal. Quero que você derreta o azeite de dendê numa temperatura média e cozinhe o ogbono até que ele se dissolva. Quero que você tussa quando a pimenta fizer cócegas na sua garganta. Quero que você salpique lagostins tão pequenos que eu acreditava, aos quatro anos, que eles tinham sido colhidos antes do tempo do útero de suas mães. Quero que você observe o ogbono engrossar a água e adicione o peixe e o quiabo e o espinafre e a carne fervida e o sal que você nunca acerta e nos chame quando estiver pronto e faça uma prece para dar graças e seja graciosa e me perdoe.

A resposta que eu dou: o dar de ombros torto que eu faço quando não sei o que dizer.

Ela volta a cortar e eu saio quando a cebola atinge seus olhos. Quando entro no meu quarto, tento buscar memórias mais felizes, mas tudo que encontro é cinco minutos atrás e a última vez que falamos. Eu me aninho na minha velha cama, ainda coberta de itens que eu prometi guardar, e abraço um novelo de lã contra meu peito, esperando que o sono traga seu alívio temporário.

Pela manhã, ela não está mais lá. A cozinha ainda tem seus rastros, uma panela no escorredor de louça e o cheiro de quiabo. Encontro meu pai no sofá, já de banho tomado e vestido. Seus olhos estão vermelhos e inchados, mas ele sorri. Udoma está dormindo numa cadeira ali perto. Acho que eles passaram a noite conversando.

Meu pai olha o compartimento na capinha de celular e suspira como se nunca tivesse esperado que a foto ainda estivesse ali. A foto. Ela deveria estar no bolso que eu tateio em pânico, depois viro do avesso. Eu corro até o meu quarto e verifico a cama, atirando a lã e os livros e as bolsas que há muito saíram de moda. Quando não consigo encontrá-la, arranco os lençóis, jogando tudo no chão. Então, vejo a fotografia, quase irreconhecível de tão amassada. Tento endireitá-la, mas ela está quase em duas partes, o rosto da minha mãe dividido ao meio, o papel imitando as consequências do acidente. Eu me desenrolo para todos aqueles anos atrás, para o Alabama, e só agora consigo dizer as palavras que me assombram.

– Desculpa. Eu te amo. Por favor, me perdoa.

O SERTÃO ESTÁ EM TODA



PANTIM

✉ pantimcoletivo@gmail.com 📷 @pantimcoletivo
 YouTube Pantim Coletivo 📍 Salvador, Bahia



E se você descobrisse que viver é estar sempre em fuga?

REGRAS DE FUGA

Disponível nas melhores livrarias virtuais



poemas da meia-noite (e do meio-dia)

O livro "Poemas da meia-noite (e do meio-dia)" oferece ao leitor uma extraordinária viagem pelo insólito tempo-espaco descortinado pelo poeta. As primeiras partes têm a ver não apenas com o tempo do dia, mas também com o da história e o do cosmo, por cujos mistérios é um prazer viajar com o poeta. No seu caminho, ele dialoga sobre os mais variados e poéticos enigmas com inúmeros outros poetas e pensadores. Finalmente, em "Ecos Íntimos", é fascinante acompanhar o mergulho de William Soares dos Santos na poesia de cerca de quarenta poetas cujos nomes – dispostos em ordem alfabética, de Adélia Prado a William Wordsworth – nomeiam os admiráveis últimos poemas desse livro cativante.

Antonio Cícero

Antoine Compagnon

Na sua maioria, os poemas são ruins, mas são poemas

Trecho de *O demônio da teoria*, UEMG, 1990

A avaliação dos textos literários (sua comparação, sua classificação, sua hierarquização) deve ser diferenciada do valor da literatura em si mesma. Mas é claro que os dois problemas não são independentes: um mesmo critério de valor (por exemplo, o estranhamento ou a complexidade ou a obscuridade ou a pureza) preside, em geral, à distinção entre textos literários e textos não literários, e à classificação dos textos literários entre si. Não gostaria de voltar à natureza e à função da literatura (ver Capítulo 1). De fato, o filósofo Nelson Goodman escrevia:

Devemos distinguir muito claramente [...] a questão “O que é arte?” da questão “O que é boa arte?” [...] Se começamos por definir “o que é uma obra de arte” em termos de “o que é a boa arte”, [...] estamos definitivamente perdidos. Porque, infelizmente, a maior parte das obras de arte é ruim.

A grande maioria dos poemas é medíocre, quase todos os romances são bons para serem esquecidos, mas nem por isso deixam de ser poemas, deixam de ser romances. Uma má interpretação da *Nona Sinfonia*, observava também Goodman, é tão arte como uma boa interpretação dessa mesma obra.



ADVOCACIA
 CONSUMIDOR – CÍVEL – FAMÍLIA
 CONTRATOS – TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
 OAB/PR 48.641

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 135, 2º ANDAR, LARGO DA ORDEM,
 SÃO FRANCISCO, CURITIBA-PR

(41) 3564 7194 (41) 984 405 050

FISK

CENTRO DE ENSINO
 3642-3690 3031-7040
 R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR

Tiago Feijó

Conto Tirado de um Poema

*João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.*

Poema tirado de uma notícia de jornal, Manuel Bandeira.

João Gostoso desce as vielas íngremes e irregulares do Morro da Babilônia. À sua frente, sob o anoitecendo do céu, pululam as luzes de Copacabana; luzes estas que João não vê, ou vê mas não repara, posto que em seus olhos fixa-se agora a lembrança de outras luzes. As luzes de Ritinha, sorrisonha, metida numa abundância de plumas e brilhos, a devassar o desejo dos homens no furdúncio do carnaval. Carregador de feira-livre, o árduo trabalho dos braços esculpiu no corpo negro de João muitas saliências de músculos e fez brotar nele a força desumana da ressaca das marés. Mas esse corpo, bruto tronco robusto de ébano, é casca falsa que envolve um homem pacífico, erguido em bondades, de mãos de trabalho e carícia. João Gostoso desce o morro, indistinto nos recantos de escuridão, levando na caixa do pensamento a mulata Ritinha, cravo cravado na carne de seu amor, ferida funda que não sabe cicatrizar, envolta nas brumas de um antigo carnaval. Em pouco, João pisa na Avenida Atlântica e se dá conta do mar, um mar de desilusão, e o rumor das vagas enche de mágoas o corpo colosso de João. Mas ele continua a caminhar, visto que tem destino certo de chegada e que o mar, posto assim nos olhos, é como um novo jeito de se afogar. E, por agora, João quer viver, viver e sofrer as dores inventadas para ele, que todo homem tem lá o seu quinhão, e carregá-lo é questão de honra.

Copacabana é uma festa. Gente vestida de claridade, rindo aos trambolhos, saltando de carros lustrosos e exalando perfumes de línguas estrangeiras. João pensa na alegria dessa gente, nas suas soltas gargalhadas, habitantes de altos edifícios, com o extenso mar emoldurado nas vidraças de suas janelas. Tão diferente dele, essa gente. Eles que não suspeitam da sua fome incurável, do seu

perfume de feira, de fruta, da sua roupa puída, do seu barracão sem endereço perdido na barafunda da Babilônia. Cresce em João um asco por essa gente, porque foi o dinheiro deles que comprou a sua única riqueza, o seu bem mais valioso. Foi o dinheiro deles que levou de João a sua paz. João caminha apressado porque o samba não é afeito a esperar. Já no Arpoador, as espumas das ondas fazem João recordar a brancura das plumas de Ritinha no distante carnaval em que se conheceram. Ela, corpo em sarabanda, tremelicando as trigueiras ancas, abria em seu redor um círculo de admiração. Ele, estacado no meio da multidão, o sangue assanhado, tinha os olhos enfeitados pelos sortilégios da mulata que parecia levitar no centro do carnaval. Enfeitado, nem percebeu quando a moça passou a sambar em seu derredor, circunavegando seu corpo, ele, o escolhido, o eleito, terra selvagem a ser desbravada. E, no delírio do carnaval, os olhos de um dizendo aos olhos do outro o desejo de seus corpos. E João foi rei, e João foi estrela, e João foi madeira de fogueira. E João conheceu finalmente o amor...

Agora, emaranhado nas ruas de Ipanema, com seu teto de folhagens, João pensa ouvir os batuques do samba de outrora, os mesmos batuques que o conduziram aos braços cheirosos de Ritinha naquele feliz carnaval de sua vida, o único carnaval do qual consegue se lembrar, como se a tal festa da carne não houvesse ocorrido senão uma única vez. Mais adiante, João compreende que a batucada não vem do antigamente, mas que retumba no presente, ecoando na estrangulada noite do agora. E enfim João vislumbra, lançado no meio da rua, um facho de luz expulso do bar Vinte de Novembro, seu destino e seu fim. É de lá que pulsa o sangue do samba.

O bar está em polvorosa, com grande azáfama de gentes. O samba, no seu compasso cardíaco, perverte as pessoas, instala nelas um assanhamento de fogo, de labareda, bulindo com elas por dentro, afrouxando nervos e músculos, libertando dos corpos a malícia da carne. E muita pele suada de mulata procura no corpo de João o seu cais, o seu desvelo, o seu descanso. E muito braço de homem, risonho de safadezas, aperta o amigo João, abraça o parceiro João. E muita boca de biritá, melada de

embriaguez, despeja na orelha de João manhas e promessas de mulheres e camas. E os copos tilintam, erguidos na luxúria do brinde. E o samba cresce, imenso, enorme, poderoso, grassando de perna em perna a volúpia do seu veneno. João finalmente está entre os seus. E entre os seus, João bebe, João canta, João dança, sem que ninguém perceba a sua amargura infindável, a sua solidão medonha, abismo tão negro quanto a sua pele, a sua tristeza de pedra, inabalável, presentes ofertados pela mão da mulata Ritinha ao abandoná-lo na espessura das trevas. E a noite de então é a noite de João!

Tudo tem seu fim: o amor tem seu fim, a noite tem seu fim, o samba tem seu fim. E agora, após o rebuliço das pernas e o delírio dos copos, João Gostoso caminha sozinho e atordoado na madrugada em declínio. Da banda do mar, um clarão anuncia o parto da manhã de um dia azul. E João, homem feito de amor e desesperança, sem saber um jeito de esquecer, não faz outra coisa senão recordar... Ela, que já não tem mais nome; ela, que já não tem mais corpo; ela, que já não tem mais voz... Ela, que agora, neste agora de João, é apenas aquela que, em noite nefasta, ele viu descer de dentro de um luxuoso carro branco, brilhante, como aqueles de Copacabana, toda ela vestida de claridade, de anel reluzente no dedo, nos braços de um homem que a beijava e a cobria com mãos de desejos. Aquilo foi uma faca no coração de João! Depois, as palavras dela queimando como brasa a pele de João: “João, você me desculpa? Você é o homem mais bonito desse mundo, João! Mas você é ninguém e eu nasci pra ser rainha!”. João nunca mais viu Ritinha, que foi embora viver seu sonho de rainha. Afundado num tempo de angústias, João sobreviveu e se esqueceu do homem, do luxuoso carro branco e das palavras de brasa sopradas pela boca de Ritinha. Mas não pôde se esquecer dela, não soube se esquecer dela. E Ritinha ficou ali, guardada no fundo dos olhos de João, envolta nas plumas de um fabuloso carnaval, pairando sobre a face de todas as coisas.

João está agora à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas, enquanto um último resto de madrugada se recolhe para detrás da carcunda das montanhas. E João a vê pela última vez. É ela. É Ritinha, no seu abundante corpo de mulata, que sobe à superfície do espelho d’água, requebrando as ancas no cerco dos admiradores. É ela. Cravada nos olhos de João, dançando em torno de João, buscando o corpo de João, naquele carnaval que não deveria ter fim. E João não quer mais suportar, porque a saudade, gota a gota, enche o peito de João. É ela. E João pensa que já não vale mais a pena, que aquilo já não é viver, é arrastar-se, arrastar-se para o nada, porque, para ele, só existe o nada. É ela. É somente ela. E João abre os braços, Cristo Redentor sobre o Corcovado, e se atira na Lagoa Rodrigo de Freitas para morrer afogado.

A morte de João Gostoso coube apertada numa curta notícia de jornal.

Amanda Vital antigênese

no princípio era a morte em ruínas estáticas de
esgotamento a desintegração em tecido único um
não-espehamento em ponto cego o breu exalando
seu odor rançoso à falta de caminhos possíveis

em seguida veio o verbo a mão que se ergue no
aglomerado convocando a luz o reinício do pulso
desamassar ao convexo a face composta fazer
das cinzas seu sustenido etéreo gerar da queda o
ímpeto reverso.

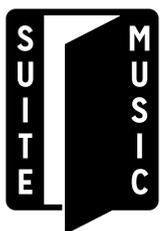
Lucas Túlio Mania

Isqueiros estão para a cleptomania
assim como guarda-chuvas estão para o Alzheimer
monumentos cilindros
concavidades
ovais volume movimento
estão para a ninfomania ou para Niemeyer?



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com



Quando a poesia
encontra o ritmo



Eu também era uma campeã

Quando vi o tamanho da que Nivinha fez, corri para dentro de casa e peguei o meu. Eu também era uma campeã. Sabia fazer as maiores numa facilidade incrível.

Eu que comecei com essas histórias na rua. “Bora ver quem faz a maior?” Comecei perturbando Debrinha dizendo que ela não sabia sequer fazer o estalo. Aí a bicha se arretou. Começou a treinar todo dia. Roubava as moedas que ficavam na marcha do Chevette do pai e corria para o bar de seu Jojó. Lá comprava a matéria-prima e subia a ladeira mascando. De cá de cima a gente já via ela sorrindo, mascando e tentando fazer bolas e estalos. Sempre tinha alguém que me oferecia o chiclete.

Para eu comprar era difícil. Não tinha moeda que sobrasse em casa, tudo era contadinho. De em vez quando quase nunca, mainha me dava uns trocados. Quase sempre, eu chimava mesmo. “Ei, me arrume um?”, “Vá, deixe de ser ruim, menina, quero brincar também”. Eu sempre conseguia, não porque era uma menina esperta, porque eu sou de verdade, mas porque eram minhas amigas e a gente morava juntas na mesma rua, não tinha para que recusar um chicletinho.

Em duas semanas, a gente já fazia campeonato da maior bola e do mais alto estalo. Tinham equipes na rua. Começou sem querer, quando não, tinha mais de dez meninas treinadas para participar do Primeiro Campeonato de Arte com Chiclete.

Eu e Nivinha éramos as favoritas. Nivinha porque a bicha era sicurenta, ficava dentro de casa treinando sem parar. A mãe comprava no mercadinho os sacos de chiclete. Ela tomava café e ia mascar a goma, só parava para comer e dormir. “Até tomando banho, Nivinha?”, a mãe dela gritou uma vez e a gente ouviu da rua. Depois de um tempo se esbagaçou com os dentes. Apodreceram todos.

Ainda bem que a gente não tinha dinheiro. Eu só treinava na rua quando ficavam as meninas todas juntas. Tinha uma coisa também na onda de mascar. A gente brincava, tinha uma adrenalina da disputa

e ainda tinha aquele sabor delicioso, docinho, que virou referência para sorvete e picolé, o verdadeiro sabor de chiclete.

Mas as meninas começaram a ficar gente ruim de uma hora para outra. “Ei, me arrume um, vá, mulher!”, “amiga, tenho mais não. Esse é o último”, “Se eu tivesse, eu dava”. Comecei a achar estranho. Até Nivinha, que tinha uma filial da fonte em casa. “Até você, Nivinha?”, “Minha mãe disse que está acabando”. É difícil, viu? Fiquei o sábado todo só vendo aquelas desgraçadas chupando chiclete, soltando estalos e fazendo uma bola maior que a outra.

Seu Jojó era um velho tranquilo. Magrinho da barriga estufada. Ali gostava de beber. De manhã cedo, quando abria o bar, tomava duas doses. E assim seguia a cada refeição nas doses duplas. Ele sempre me dava alguns chicletes, era amigo de meu pai das antigas, trabalhou de pedreiro na construção dos edifícios. Aí toda vez que me via na rua gritava:

– Olha a fia de Zé Carlos!!! – Venha cá, menina, tome uma balinha para adoçar a vida.

Bala e chiclete, para ele, eram a mesma coisa. O que importava era barrar o amargo da vida. Às vezes, só vinha bala e eu pedia para trocar.

– Eu gosto daquele ali!

Era o Big Big. O mais em conta. Gostoso, macio e barato. E ainda fazia bolas como nenhum outro. O problema é que virou moda na rua da gente e Seu Jojó começou a vender mais chicletes do que doses. Seu público mudara. Toda hora chegava uma criança. “Me dê cinco Big Big”. Aí, para você vê o que é o tal do capitalismo, a pessoa começou a vender o chiclete de cinco centavos por dez. E o pior de tudo, eu passava e ele fingia que não me via mais, você acredita?

Fiquei impressionada. Eu que comecei com essa história de estalos e bolas. Ninguém fazia nada além de chupar o chiclete. Eu dava piruetas e fazia bolas de todos os tipos, cada uma tinha um estalo diferente. Professora, algumas amigas me

chamavam. Fui conversar com minha mãe. Ela iria me ajudar. Falei de minha desenvoltura, do pioneirismo e destaque na rua e nas disputas da arte com chiclete. Falei também das inimigas que criei por consequência dos fatos. Ela ficou sensível, me olhava com orgulho. Catou duas moedas na bolsinha e me deu. Caminhei para o bar de Seu Jojó pisando firme no chão, decidida a falar o suficiente. Deixar de conversa besta com aquele véio interesseiro.

– Me dê dois Big Big! – Falei firme e sem muita conversa.

– Olha a fia de Zé Carlos!!! Como você está, menina?

Ficou me olhando esperando eu dizer alguma coisa, sorrir, me manifestar de alguma forma. Eu repeti.

– Dois Big Big! O véio entendeu e me respondeu na lata.

– Aumentou. Aqui só dá para um!

Que merda, só tinha um chiclete para dois dias de campeonato. Subi a ladeira mascando a goma, fazia tempo que não mascava. Comecei a pegar os macetes de volta. Eu tinha um jeito de preparar o chiclete na boca que era só meu. Minha língua era grande, tinha habilidade de colocar a língua na ponta do nariz, isso facilitava na hora de preparar o espaço do vento para fazer a maior bola. Quando as meninas viram, não acreditaram. Eu estava de volta com o chiclete na boca.

Fiquei conhecida como Juju Metralhadora. Meus estalos eram sequenciados. Não tinha para ninguém. O primeiro dia foi moleza, estava na cara que eu era a melhor e que ganharia fácil. Mas, quando é campeonato, ter apenas um chiclete não é suficiente. É preciso ter vários de diferentes tipos, e eu só tinha aquele que estava em minha boca sem gosto de nada.

Já era tarde quando entrei em casa. Minha mãe dormia. Eu mascava aquele chiclete porque ainda não havia encontrado uma saída. Se eu jogasse fora, no outro dia, voltaria a mesma condição. Chupando dedo. Fiquei pensando no que eu precisava para armazenar aquele chiclete. Precisava arriscar. Fiz

uma bola maciça com a língua, retirei da boca e coloquei no canto do congelador. Tinham flocos de gelo que quase cobriram o chiclete pela metade. Só vou saber testando, pensei.

Não sabia como ficava de um dia para o outro. Todo mundo que oferecia chiclete a qualquer criança logo dizia “vai ficar com os dentes podres, cuidado!”. No outro dia, acordei e as meninas já estavam fazendo barulho na rua. A maior gritaria. Corri para a porta de casa para ver o que acontecia. Nivinha estava fazendo uma das maiores bolas que já vi. Ela tinha um fôlego de dar inveja. Soprava devagar e a bola ia crescendo, crescendo, crescendo. Todo mundo vibrava. Eu tremia, ela fizera a maior bola já feita. Quando eu vi o tamanho da bola que Nivinha fez, lembrei do congelador. Corri para dentro de casa, abri a portinha do meu compartimento e lá estava, do jeito que havia guardado. Peguei a bolinha e mergulhei no açucareiro. Rodei ela de um lado para o outro, depois joguei na boca.

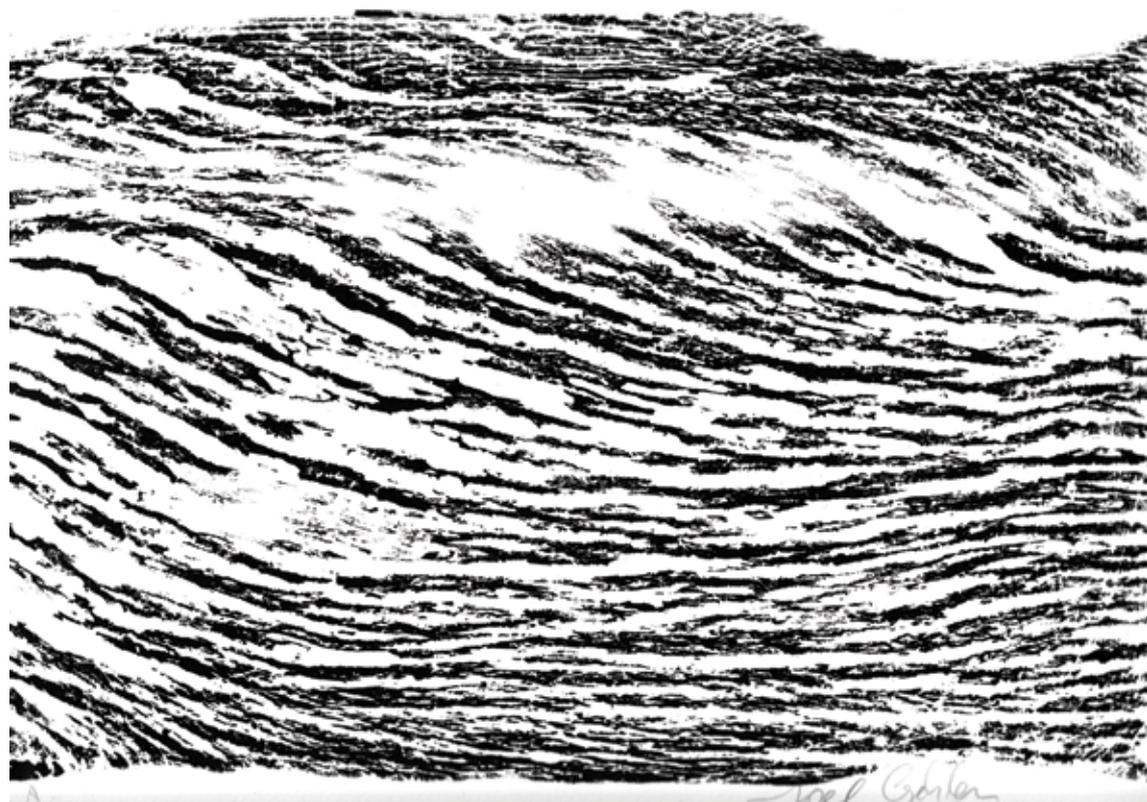
Comecei a mastigar sentindo os croques do açúcar. Fui caminhando e mascando em direção à porta. A língua começou a trabalhar, esticando, abrindo espaço para a rajada de vento. Quando cheguei à porta, segurei com as mãos em cada lado, estufei o peito e me lancei. Num sopro só, a bola cresceu que nem a barriga de Jojó. As meninas ficaram observando. Dei outra soprada e duplicou o tamanho. Não havia ameaça de estouro ou rachaduras nas paredes do chiclete. Tudo firme. Dei outra rajada e meus pés saíram do chão. As meninas não acreditaram. Eu dei outra soprada e aí o vento me levou para o centro da rua. Foi quando a bola estourou. Aí pouco importava porque eu já havia me consagrado. A bola de chiclete mais incrível da rua do 18. Eu também era uma campeã.

Passei mais de dois anos usando e guardando o mesmo chiclete. Tem gente que me chamava de nojeira. Nojeira é outra coisa. O nome disso é profissionalismo de campeã.

Joel Gehlen Domingo

Batem à porta.
Os mortos deitam na soleira e ao longe.
Por onde alcança
a vista e os enlaça.
O olhar oblata,
as mãos no alforje
esmolam côdeas de memórias.
Ando entre eles pelas sebes,
levo uma ânfora nos ombros:
— água, emplastos e palavras.
Pela manhã tenho muita sede,
mino fontes, saudades e escombros.

Poema e ilustração integrantes de *Algo me avalia do couro à espinha*,
Micronotas, 2018





Márcia Széliga – O Colecionador de Tempos e Passatempos



Márcia Széliga – O Contador de Histórias

Omar Khayyam (Trad. Alfredo Braga)

Eu estava com sono e a Sabedoria me disse:
A rosa da felicidade não se abre para quem dorme;
por que te entregares a esse irmão da morte?
Bebe vinho; tens tantos séculos para dormir.

